UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Letras
1316750092

Dr. Migel Gomes Soares

CF
B
2
7

DISCVRSO SOBRE

A VIDA, E MORTE, DE SANTA ISABEL RAINHA DE Portugal, & outras varias Rimas.

Por Vasco Mousinho de Castelbranco.

Dirigido ao Excellentissimo Senhor Duque, Dom Alvaro de Lancastre.

525
INSTITUTO DE HIST... DA EX-... ALISMO ... Coimbra

Impresso com licença do Sancto Officio. E del R...
EM LISBOA
Por Manoel de Lyra. anno. de 15..

A custa de Estevão Lopez mercad...

Vi estes dous liuros de Vasco Mousinho de Castelbranco, hum intitulado discurso sobre a vida, & morte de santa Isabel Rainha de Portugal, outro de Romances, & varias poesias, assim como vão nã tem cousa algũa contra a nossa santa fee & boes custumes. Podense imprimir.

Frey Manoel Coelho.

Vista a informaçam podemse imprimir estes dous liuros, & depois dimpresso, tornen a este conselho pera se conferirem com os originais, & se dar licença pera correr Em Lisboa. a 5. de Marco. de 96.

Obispo deluas. Dioguo de sousa. Marcos teixeira.

Podese imprimir vista a licença q̃ oferece do Ordinario, & dos deputados do sancto Officio, & como foy visto na mesa. Em Lisboa a 17. de Outubro. de 1596.

Pereyra. Damião. D'Aguiar. Fonseca.

Ao Excellentiſsimo Senho Duque Dom Aluaro de Lancaſtre.

QVeyxouſe Theophraſto, morrendo, da Natureza, porque dera aos homens tão curta vida, & à muytos animaes tão larga, ſendo a daquelles de tanto proueyto,& a deſtes de tão pouco fruyto. Donde naſceo em todos, logo còs primeyros annos hum dezejo de perpetuarem a memoria que o temor da morte cada hora lhe ſepultaua, porque ſe vamos à qualidade das couſas q̃o engenho, & arte trouxe á luz, para perfeytas requerião muyto tempo de inuencão, & muyto de lima,para que com eſte credito de annos appareceſſen no cabo confiadas,à iſto reſiſtiò a breuidade da vida deſculpádo atreuimẽtos como os meus a quem o pouco tempo de experiencia culpa. Eſte valhacouto tem todos em geral, mas eu d'outro me valho maes ſeguro, que minha ventura me deu, qual hé eſtar de baxo do amparo de V. Excelencia com obrigação de manifeſtar a gratidão que ſe deue à tanto bem, para que por eſta venha à merecer outra deſte pequeno ſeruiço, preludio de maiores couſas, o qual inda que ſeja hum riſco comparado còs grandes volumes que o Mundo leè, quicà o julgue alguem por riſco de Apelles, & eſpero que ſe V. Excelẽcia, o tiuer por eſte fie de minha mão pinturas de ſeu goſto pois ſoo me faltão as tintas que como ſeja natural nos Principes dezejarem correr apar co a Natureza, ſuprindo com ſeus fauores faltas della,pois com azas naſci,& ſoo afortuna tenho por dauãte, façame os ares liures deſſi indome d'algum peſo, que me impede o vſo delles, para ſoo ſe queyxe aquelle moço d'Alciato.

Dextra tenet lapidem, manus altera ſuſtinet al[illegible]
vt me pluma leuat, ſic graue mergit on[illegible]

E cuſtume V. Excellẽcia tirar antes o impidimento à quem tem azas, & com elle não pode voar, que dar azas de nouo à quem as não tem, porque eſſe como nunca ſe vio cõ ellas vem à dar en outro Icaro, & aquelle como tenha o voar por natureza, ſabe os limites do ar, & guarda ſe do fogo.

E tocando algua couſa da obra, ſempre tiue por acerta-da aquella ſentença de Horatio.

Omne tulit punctũ qui miſcuit vtile dulci,

Porque o vtil ſem miſtura de doce não diz oje com a condicão, & natureza dos homens, & o doce ſem o proueyto ſo não diz com a obrigacão daquelle que eſcreue, brandu ras, deſmayos, & deliquios de amor, não ſeruem maes que de facilitar coracões à ſemelhantes cuydados, leuandonos apos ſi como Sereas á miſeraueês naufragios, & deſenganos do mundo com reprehencão de vicios aſpera, ſeruem de cerrar os ouuidos ã todos como as ſurdas aſpides à voz do encantaudor, eu para fugir eſtes inconuenientes eſcolhi eſta hyſtoria proueytoſa em ſi pois he vida de hũa Santa Raynha, à quem os Principes tem obrigação de imitar, & V. Excellẽcia principalmente pois he deſcendente ſeu, pa ra que ſendo a obra de minha parte doce ſatisfaca a Hora tio, & ponha o riſco por cima de todos, o que tambem me obrigoua lhe juntar eſſa variedade, aſsi porque ella ſoò de leyta, como porque defraudada de dous ou tres cantos que lhe cortey por cauſas não podia fazer por ſi cabeça, & quando não correſponder tanto com o que digo, pois em couſas proprias não ouue juizo claro deſculpeme a breui-de do tempo que niſto empreguey a interuallos de obriga coẽs de eſtudo, com as quaes he bem daquy pordiante cor-reſponda ſoò, porque inda q̃ agora me moſtre Poeta, fruy-colhido na paſſada idade, eſpero cedo moſtrarme Iuriſ lto fruyto deſta.

Ao Leytor.

Os meus, erros digo, ſam muytos, mas como os não conheço vao a ſeu ſaluo, que por iſſo tambem os offereço como retrato cometido a varios pareceres, & juizos (conſelho & inuencão d'aquelle grande pintor) para que paſſando pello comũ obeliſco, venha eu a não paſſar por elles. Cõ tudo não he bem fiquem ſobre mi os da impreſſam pois ſam alheyos, que tambem tantos juntos quebrarão o animo a quem o teuer de mo dar para mores couſas. Confeſſo que inda eſtes poderã ſer menos, ſe eu fora maes ſolicito em os atalhar, & ſe de induſtria (querendo quebrar com a Poezia) por me cair da graça não pretendera deſgraças ſuas, que en fim fica em parte afeada com eſtes que a ponto para deſculpa dos que lhe forem offeyçoados, que quãto a mi como não grangeo venturas, nem as eſpero de trabalhos ſemelhantes, não ha que temer a veſſos.

Erratas.

Fol. 5. pag. 1. lin. 9. nos. vos. fol. 9. pag. 1. lin. 9. chuã. fol. 13. pag. 1. lin. 4. eſta eſte. & lin. 22. e ande. fol. 22. pag. 2. lin. 18. que quem. fol: 30. pag. 1. lin 10. & menos. tireſe o e. fol. 50 p. 1. lin. 9. humilde. fol. 51 pag. 2. lin. 10. Eſtremoz fol. 55. pa. 2. lin. 12. Dom com & lin. 20. clama chama. fol. 57. pag. 1. lin. 9. ſe te. fol. 74. pag 2 lin. 10. qual me ve. fol. 83. pag. 1. lin. 12. vos lhe. fol. 86. pag. 1. lin. 6. canſa. fol. 111. pag. 2. lin. 7. tu ſu. fol. 132. pag. 1. lin. 15. males maes & pag. 2. lin. 5. em que vejão muyto. fol. 133. pag. 1. lin. 34. que as treuas a terra vem & pag. 2. lin. 8. excite. fol. 137 pag 1. lin. 17. me. tire.

Ao Leytor.

Os meus, erros digo, sam muytos, mas como os não conheço vão a seu saluo, que por isso tambem os offereço como recreato cometido a vacios pareceres, & juizos (conselho & inuenção d'aquelle grande pintor) para que passam do pello comum obeisseo, venha eu a não passar por elles. Cõtudo não he bem sequem sobre mi os da impressam pois sam alheyos, que tambem tantos pintos quebrarão o animo a quem o teuer de mo dar para mores cousas. Confesso que inda estes poderá ser menos, se eu fora maes solicito em os atalhar & se de industria (querendo quebrar com a Poezia) por me cair da graça não pretendera desgraças suas, que cirfimfica em parte afeada com estes que a ponto para desculpa dos que lhe forem offerçoados, que quãto a mi como não grangeo venturas, nem as espero de trabalhos semelhantes, não ha que temor a vessos.

Erratas.

Fol. 5. pag. 1. lin. 9. nos. vas. fol. 9 pag. 1. lin. 9. chaõ. fol. 10. pag. 1. lin. 4. esta e de. & lin. 22. e ande. fol. 22. pag. 1. lin. 2. que que m fol. 30 pag. 1. lin. 10. & menos. tarefa o e. fol. 30. 1. lin. 9. humilde. fol. 31 pag. 2. lin. 10. Estre noz fol. 15. pa. 2. lin. 12. Dom com & lin. 20. clama chama. fol. 17. pag. 1. lin. 9. se te. fol. 74. pag. 2. lin. 10. qual me ve. fol. 83. pag. 1. lin. 12. vo alhe. fol. 86. pag. 1. lin. 6. cousa. fol. 111. pag. 2. lin. 7. tu sis. fol. 132 pag. 1. lin. 15. males maes & pag. 2. lin. 5. em que vejão muyto. fol. 133. pag. 1. lin. 34. que as treuas a terra vem & pag. 2. lin. 8. excite. fol. 137 pag. 1. lin. 17. me. tire.

CANTO PRIMEIRO.

O Furor de cantar Musa refrea
E destempera a tẽperada Lyra:
Qual não sentindo a Nao soe a Serea,
Antes porque tardou chora, & suspira.
Se quiseras chorar com larga vea,
Eu mesmo lamentando te seguira
Que o remedio mais certo de alegrarme
Hè nunca de tristezas apartarme.

Busquei mil vezes gostos que cantasse
Com subido cothurno, & voz sonora,
Mas temi com razão que os estranhasse
Hum triste coração que sempre chora.
Que àquem triste se poem, & triste nasce
Mudado o nome a rubicunda Aurora,
Sò tristezas & magoas agradarão
Quanto mais que ja gostos acabarão.

Qual a experiencia certa alcança
Na verde Era do triste velho abrigo,
Que se nhum vaso seu agoa se lança,
Co liquor, que inuentou o outro antigo.
Este se some, aquella so descansa,
Como triumphadora do inimigo,
Foge logo o prazer, & em seu lugar
Como mais natural fica o pezar.

Là neste tempo, que com torua fronte
Vae fugindo, á mil males condenado
Sera se for o bem, qual doce fonte,
No campo à branca Thetis consagrado.
E qual só no Phenicio Orisonte
Mais alta entre o plumoso bando alado,
Leuanta o voo aque abrazada, & morta,
Ontras ves se reforma, & os ares corta.

Porque não deces Nympha do alto Pindo
Pois delle enfim decer tanto te agrada,
Não leda como dantes nem sorrindo
Não de verde Era, nem de louro ornada.
Mas recolhido, & triste o gesto lindo
De funeral Cypreste coroada,
Vem assi, que meu bem nisso consiste
Pois o Ceo permitio, que seja triste.

Não ves de nossos tempos as mudanças,
Transformacões de Reynos, & de gentes,
Mortes, desterros de huns, d'outros bonãças
Mil confusoes de tristes, & contentes.
Corte de bem tessidas esperanças,
Tela perfeita d'outras differentes
Casos de eterno, & de immortal espanto,
E dignos de immortal, & eterno pranto?

Começar do destorso Lusitano,
E ruina total da gloria altiua,
Com que fez rico ao pobre Mauritano
Sebastião cuja morte, inda oje he viua.
Renouandose sempre de anno em anno
Qual Aguia, que no mar a idade auiua
Em outro mar de lagrimas, que chora,
Quem se dezeja, & sua sombra adora.

Esforso emfim, no miserando estrago,
Ia mais visto no mais mortal perigo,
Que cada qual mostrou naquelle trago
Ter nos olhos, & nalma o ser antigo.
Diuidas justas saõ a que eu não pago
Nem satisfaço se o contrario sigo,
Porem largo caminho ousado intento,
Insufriuel trabalho à hum fraco ale

Melhor hè Portugal sofrerme agora
E refrear ador que me atormenta
Que hum bem, que inda perdido algẽ adora
Muyto lhe doe, se se lhe representa.
Mas àquem sempre sente, & sempre chora
Nem tempara hum soo gosto hũ hora isenta
Mal podião siruir de noua pena
As lembrancas que minha dor lhe ordena.

Quanto mais que eu queria desta sorte
co estas palauras do intimo saidas
Animarte à vingares tanta morte
Inda que fosse a troco de outras vidas
Q̃ue então passando pello mesmo corte
Alegres ficarão de as ter perdidas
As almas q̃ em tão justa, & santa guerra
Voarem para o Cèo, deixando a terra.

Porti Mussa, por ti ja não publico
Esta tão triste & lastimosa historia,
Inda que de pezares ande rico
De prazeres farei larga memoria.
Mas pois de teu furor forçado fico
Para que ambos tenhamos nossa gloria
Canta, & chora commigo juntamente
Que pois tò peço eu sei que se consente.

Assi

Assi canta a suaue Philomela
Entre os ramos da verde, & fresca planta,
E juntamente chora a forma bella,
Mudada em pennas, para pena tanta.
Assi tambem a que morreo com ella
Lembrada destes dannos chora, & canta,
Assi de sua morte vendo a hora,
O Cisne docemente canta, & chora.

E ja que ei de cantar contentamentos,
Que volua atras os olhos me he forçado
Pois tudo quanto vejo saõ tormentos,
Vos Isabel sereis o meu cuidado.
Em vos empregarey meus pensamentos
Sendo por vos meu canto celebrado
Deyxando a parte a dor que me consume,
Inda que he grande dor deyxar custume.

A vida de Isabel, & a morte canto,
Entre nos morta, em Aragão nascida,
Vida & morte de todo mundo espanto,
De cuja gloria certa não duuida.
Morre alegre quem passa a vida empranto,
E aquem a vida he morte, a morte he vida
Qual na vela se veê, que estando arde
Quando à matais a vida tem morre

O principio da Lusitana gente,
O nouo mundo ja sem sombra escura,
O Sol ardendo logo no Oriente
As unhas de vso a inda sem figura.
Qual hercules preludio da Serpente,
No berço ainda, & ja com auentura,
Serà principio à minha illustre historia,
E se me não engano à minha gloria.

D'Afonso Rey primeiro discorrendo
(Quem nos louuores seus ficar pudera)
Pouco nos outros Reys me irei detendo,
Tê chegar á Dinis que ja me espera.
Dabi a insigne tela irei tessendo
Com quem não poderà Lachesis fera
Que inda que impidir possa a humana vida,
Não tem poder para que a fama impida.

O vos Illustre rio em cujas agoas,
Para qualquer engenho historia bella,
Arderã ja nhum tempo vinas fragoas
Por huã nobre fonte de Castella.
Tè que para remedio destas magoas,
Se forão misturar co as suas della,
Qual amoroso Alpheo, que não descansa
Tê que a fugitiua fonte alcansa.

Este nouo penhor vos offereço,
Forçosa obrigação de animo grato,
Por vosso, em toda aparte me conheço
Como vosso ando, & como vosso trato.
Vos lhe day o valor, o ser, & o preço,
Vos ponde as cores a este nũ retrato
Recolhei o senhor em quanto passa
A desfeita tormenta, que a meaca.

Quando se encobre oar, & o Sol se esconde
De baxo da pesada nuue grossa,
Quando o vento nas aruores responde,
E os mais robustos braços lhe destroça.
O louro busca ocaminhante, a onde
Escapar do soberbo rayo possa,
Alli seguro passa a noyte escura
Em quanto a cerração furiosa dura.

Em hum deserto triste inhabitado
Sô habitado da fera, & da serpente,
Que assalteando às aues seu cuidado
Suas casas tesser não lhe consente.
Poem no mais alto a garça o ninho amado,
Pellos ramos a mais plumosa gente
Dalli vigia, dalli à tudo acode,
Tè que voar co as Maẽs o parto pode.

A toda nouidade he necessario
No principio fauor aque se arrima
Que tudo no principio acha contrario
Nem se conhece logo nem se estima.
Mas por tempo despois he ordinario
Qual precioso liquor vir sempre acima,
Que o passaro nocturno tambem cae
Que se não ve que delle a causa sae.

Em quanto he o menino fraco, & rude
E sem arrimo ainda timido anda
Não quer a Mãe piedosa, que se mude
Sem ella para aquella ou estabanda.
Mas como tem mais forsa, & mais virtude
Ià o larga, ja o chama, & ja o manda
Os filhos a voar a Aguia ensina,
Mas despois cada hum se determina.

Se vossas cousas não fauorecerdes
Porque se cansa, quem por vos se cansa,
Iustas saõ as merces, que me fezerdes
Que em vos anchòra sò minha esperança.
E pois que vos sirui nos annos verdes
Nem os secos em mi farão mudança,
Quem pega em muytos cabos, vẽdo hũ perto,
Quando se afoga, tem orisco certo.

Quantas

Quantas vezes abrindo o Sol dourado,
O mundo com a luz fermosa, & clara,
Sae o Lynce à comer a hum fresco prado,
Aque logo por outro desampara.
E co dezejo de melhor leuado,
Deixa aquelle, busca outro, em nenhũ para
Te que à noyte forsado ja da fome
Qualquer eruinha seca, & murcha come.

O Ceo que nos foy sempre tão propicio,
E sempre acompanhou vossos intentos
Infaliuel final, & certo indicio
De vossos immortaes merecimentos.
Vos alargue da vida o exercicio
E à vossos queridos pensamentos,
Que sem a chara, & vnica consorte
Bem sei que a vida vos seria morte.

Mas que prospero rayo vem cortando
Os ares leues para mi direito,
Que quer dizer esta Aguia, que voando
Tras delle vem com leuantado peito.
Algũa grande cousa annunciando,
Dece que sempre foy annuncio aceito,
E quiça o glorioso fim que aguardo
Deixaime ir prosiguindo, que ja tar

Do Bethico Oceâno, que seus braços,
Foy tão longe estendêdo de onda, em onda,
Que he necessario ao Sol dar nouos passos
Para que sem o ver nasça, ou se esconda.
E tendo seus limites por escassos
Quer noutro monte outro ecco lhe respondá
Nasceo com larga vea hum grande rio
Contra quem jamais pode o ceco estio.

E despois de cortar o nobre assento
Onde o sereno, & aureo Tejo bebem,
Os animaes ligeiros, que do vento
Se spira o manso Zephyro concebem.
Onde o Mondego tem seu nascimento
Onde os campos herculeos o recebem,
Onde do Douro, & Minho a vea opima
Correndo vae co saudoso lima.

Não podendo já ter sua corrente
Com seus despojos alterado, & vfano
Sae da madre, & passa ao occidente,
Qual o Agypcio Nilo faz cadanno.
Nem o grande calor da Lybia ardente
Onde o Sol sempre foy menos humano
Onde em lugar de fontes ardem fragoas,
[illegible]de deminnirlhe suas agoas.

Muytos

Muytos vendo seu curso arrebatado
Obstaculos lhe punhão de altos montes,
Porque se fosse delles represado
O mudassem para outros Orisontes.
Mas tudo foy em vão, & nauegado
Lá mais se vio de naos, nem sofreo pontes
Saluo alguns troncos, q̃ enuoluendo molha,
Sem raizes, sem flor, sem fruyto, & folha.

Despois que vio o leito onde repousa
Fugindo a noyte o lucido Planeta,
Como não sofra auer no mundo cousa
Que não entre, não rompa, & acometa,
Aos thalamos d' Aurora passar ousa
A todos parte incognita, & secreta,
Que tanto he mor agloria que se ganha
Quanto he acausa della mais estranha.

E contra a natureza d'outros rios
Que como entrão no mar desapareçem,
Passou do Indo, & Roxo os senhorios
Entre os quaes suas agoas se conhecem.
A nobre Chersoneso cujos fios
D'ouro mais que os de Persia resplandecem
Por fama de seus ricos campos chega
E com alta corrente em torno arega.

Paſmou o Ganges vendo tanta gloria,
Tornando para tras te ſua fonte
E a verde coroa por memoria,
tirou da triſte, & carregada fronte.
Eſte deſque ganhou tanta victoria
Para que ſeu deſcanſo tambem conte
Fim de todos os rios verdadeiro
Tornou agora à ſeu berço primeiro.

Eſte rio famoſo em que me fundo
Que ſaio das entranhas do mar alto
E que oje torna ao mar rodeando o mundo,
Como ſe inda eſteuera d'agoas falto.
He noſſo Portugal, & o mar profundo
Caſtella foy, que comligeyro ſalto
Deyxou como cabeça dominando
Agora me ouuireis ò como, & quando.

De todos forão ſempre engrandecidas
As cauſas principaes donde naſcerão
Algũas grandes couſas, & ſubidas
E que por fama, & nome ſe eſtenderão,
Porque ainda que ſejão conhecidas
Por ſi, não pellas cauſas que teuerão
Pois não podião ſer ſenão por ellas
Isto cuſtuma o mundo engrandecellas.

Lou-

Louua ſe aquella parte do Oriente
Donde o Sol lança ao mundo o claro dia,
Louuaſe a concha a onde a traſparente
Perola fina ſe congella & cria.
Quem fora pois tão habil, & eloquente
De engenho tão ſubtil de tal valia
Que igualar a co canto & cõ a penna
Do grãde Henrique a gloria mais pequena.

Fundamento primeiro de alta torre
De hum rio perennal primeira fonte
Henrique que co nome & fama corre
Quanto co a luz o Pay de Phaetonte.
De cujo esforço nunca o ecco morre
Soando no apartado & alto monte
De cujos feytos a cidade ſanta
Ainda que oje chora inda oje canta.

La de hũa parte eſtranha & apartada
Como a filha da terra nos publica
Qual aruore que ſendo traſplantada
Mais copioſa mente fructifica.
Ou qual be por veneno reprouada
Em Perſia & ca de nobre frutto rica
De Portugal que â ſeu valor reſponde
Vem com Tereſa â ſer primeiro cond.º

Em varios pareceres diuididos,
Escritores de fama varios forão
De que nascão, & gente proauzidos
São os que em Portugal habitão, & morão.
Huns dizem que Troyanos perseguidos
Nestes portos as rotas Naos anchorão,
Outros dizem, que Gregos á tornada
Interdictos aqui da patria amada.

Eu digo que nem Gregos nem Troyanos,
Antes muyto mais alto a risca lanso:
Porque estes padecerã muytos danos
Ardendo em fogo todo seu descanso.
A quelloutros puserão tantos annos
Em os vencer, que de contallos canso,
Mas Portugal não poem em vencer tanto
Nem foy vencido, que he maior espanto.

E se hâ quem desmayado, & morto o lea
Foy porque elle se deu as punhaladas,
Dillo de Viriato a morte fea
Despois de mil victorias alcansadas.
E se Africa com elle oje se arrea
Desauenturas são bem desculpadas,
E porque me não culpem callar quero
Por ir buscando o fim que achar espero.

Nasce

Naſce Afonſo dos dous, bello minino
Certo ſinal, que de virtude trata,
Que quando o rio he puro, & criſtalino
He ſinal que as areas ſaõ de prata.
E a quem quer moſtrar ſeu amor diuino,
O grão pintor, no roſto lho retrata,
E quando o alto monte reſplandece
Sinal certo, que ja nos amanhece.

Mas como não ha couſa tão perfeita
Que não tenha hũ ſenão, que em parte afea
Eſta belleza ſua he imperfeyta
Qual como dizem ſoe a da Serea.
Ou qual aue da grande Iuno aceita
Em as pennas fermoſa, & nos peês fea.
Fezlhe a natura o edificio bello
As colunas ſaõ fracas à ſoſtello.

Lembrame aquella ſtatua de grandeza
Immenſa como de horridos Gigantes,
O corpo de tão uaria eſtranheza
Os peês de barro tão diſconcordantes.
Reſpondanos agora a natureza
Que intento tem em obras ſemelhantes,
Saluo quiz ſempre por no meſmo templo
Com volupia Angerona para exempl

Mas como o amor sem causa se exercita
Mais que si mesmo, & com amago a cresce
Donde àquelle animal que nos imita
O parto feo bello lhe paresce.
O amor em seu Ayo Afonso incita
Co mal que inda não sente, & ja padese,
E com sobejas lagrimas que chora
O diuino fauor, & auxilio implora.

Iâ o real Leão que no estrellado
Monte, desperta à vida o morto dia
A parte anterior tinha inclinado
Como quem de correr desjalesia
E o passaro à Pallas consagrado
Sobre elle as asas trepidas batia,
Quando os olhos Monis ao sonno entrega,
Que com agoa do Lethe o molha & rega.

Se as cousas que o volubil pensamento
De dia representa imaginando
Ou sejão dores ou contentamento
Essas o sonno traz quieto & brando.
Se em sonhos sente sibilar o vento
O que de dia foy o mar cortando
Assi como o cuidado que trazia
Este sonho à Monis apparesia.

Desfazia

Desfazia co a luz dos olhos bellos,
As treuas triſtes pella noyte eſcura,
De modo, que ſe então pudera vellos
Emcubriraſe o Sol de enueja pura.
Reſplandeſcentes rayos ſeus cabellos,
Enfim toda de eſtranha fermoſura,
Hũa Molher do Ceo, cà foy do mundo,
Mas quando foy jà era Ceo ſegundo.

E dizlhe huma voz qual entre as ramas,
Na tarde do verão Zephyro manſo
Là que de coração, & amor me chamas,
Nem das â tuas lagrimas deſcanſo.
Com remedio veras aquelle que amas
Do doce filho meu remedio alcanſo,
Poem o que te mandar por obra logo,
Que nem ſerà por agoa nem por fogo.

Vae a tal parte, & caua hum pouco eſpaço,
Tê dares chum penhor, que muyto eſtima
Leuantame hum altar, a hi neſſe paſſo,
E poem com grande fee Afonſo emcima.
Veras o que por elle, & por ti faço
Pois tanto o que padece te laſtima,
Iulgaras, que mãos ſaõ de mor primor
Em Deos, ſe as de juſtica, ſe as de amo

Jà Lotos ſuas folhas explicaua,
Que com a ſombra eſcura encolhe, & aperta
E o negro minino feſtejaua
A dezejada Maẽ, co aboca aberta.
Quando Monis canſado deſpertaua
Que para tanto goſto, & bem deſperta,
E ainda que ſenho lhe parece,
Ao que em ſonhos vio, logo obedcce.

O Virgem pura, forte, & firme amparo,
Conſolação, & alegria noſſa
Em vos os triſtes tem certo reparo
Sempre foy certa apiedade voſſa:
Que pidireis ſenhora áo filho charo
Que logo vos não dee, que daruos poſſa,
Ficou Afonſo ſaõ, & nos com gloria
E para nos ficou diſto a memoria.

Entre duas correntes ando incerto
Voſſos louuores ſe em ſilencio paſſe,
Que dizer pouco fica deſcuberto
O erro, & culpa, que dahi menaſce.
E quem calla diz tudo, pois he certo
Que cobrio hum pintor chum veo aface
Do Pay, que junto â morta filha aſſiſte.
Pintandoo para triſte aſsi mais triſte.

Desterre minha fè o vão receyo
Pois o receyo em parte madesterra
Vos fostes Virgem soo por cuyo meyo
Para nos se ajuntou o Ceo co a terra.
Que estando o Ceo da terra tão alheyo
Com vosco o que faltaua fecha, & cerra,
E esta coujunção de sorte estima
Que muytas vezes poem a terra emcima.

Quam differente soys da May, que alterca
Com a serpente, May, que o Pay paristes,
Ella faz com que a vida, & Deos se perca
Vos trazeis Deos, & vida áos filhos tristes
Ella com fogo o paraiso cerca,
E vos com fogo o paraiso abristes,
Igual soo, que vio morto o seu Abel,
E vos o vosso bello, Emanuel.

Vos santa Virgem fostes a primeira,
Que estando o mundo em guerra q̃ o abarca
Cessando logo, & sendo aderradeira
Lhe trouxestes a paz de tanta marca.
Qual Pomba, que co ramo da Oliueira
A segurança trouxe à timida Arca
Que he Symbulo, que sempre a paz encerr
De que agora se vê tão pobre a terra.

Vos sois aquella gloriosa Carsa,
De mil segredos, & misterios chea,
Que por mais, que com viuas chamas arsa
De verdes folhas muyto mais se arrea.
Ou qual do Simulacro a bella Garsa,
Que por mais, que por ella o fogo atea,
As azas pellos ares liure bate
Sem lhe impidir o fogo que as não trate.

Quam fermosa vos vio entre as estrellas,
Aquella Aguia de vista soberana,
Vossa cabeça coroada dellas
E vistida da luz donde aluz mana.
São as estrellas as virtudes bellas,
E o Sol vosso filho em carne humana
E a Lua que vio aos peès caida
Paixoẽs que em vos a força tem perdida.

Todos nascem de Adão com hum ferrete
De escrauos da serpente que o engana
Mas por mais cabedal que nisso mete,
Menos com vosco pode, & mais se dana.
Porque se Deos de ionge vos promete,
No tempo que a castiga, & desengana,
Que aueis de por os peès nessa serpente,
r vos primeiro os peês não se consente.

A maldi-

A maldição que Deos lançou em pena
Da primeira molher às femeas tristes,
Não abrageo a vos curta, & pequena
Porque sem dor nascido o filho vistes.
E juntamente o mesmo Deos ordena
Com que, ficando May Virgem paristes,
Como pella diaphana vidraça
Sem lesaõ sua o Sol fermoso passa.

Vos sois Virgem a horta celebrada,
Que entre alta cerca guarda as flores finas,
Cujo cheyro ficando ella cercada,
Se espalha pellas auras pirigrinas.
Tambem aquella fonte, que cerrada
Conserua as puras agoas cristalinas,
E o piuete de que o Ceo se admira
Cujo fumo de Deos quebranta aira.

Não mais que se mais entro Virgem pura,
Não poderei sair apeè, nem a nado,
Que vos sois o alto rio, que em figura
Vio la aquelle propheta arrebatado.
Que entrando mais achaua mor altura
Tè que se vio alli meyo afogado,
Sendolhe necessario atras dar volta
Por se ver liure da corrente solta.

E pois Virgem sem vos ninguem se atreue,
Com vosso filho em aspera conquista
E seu amor lhe faz que as chagas leue
Para que de piedade o Pay se vista.
Que no ar em figura o arco escreue
Prometendonos paz com sua vista
Mostrailhe vos por nos os peitos bellos,
Que eu figuro o perdão se chega à vellos.

Ia que tendes razão de assigurardes
A todos a passagem pirigosa,
E seu partido em tudo sustentardes,
Pois sois por natureza piadosa.
Inda tendes maior, de conseruardes
Portugal, que por vos o nome gosa
Pois logo no principio restauraſtes,
Hum bem que sò por isso lhe quebraſtes.

Comece com milagre o nascimento
A que ha de responder tão alta vida
Que logo se enxergou no fundamento
A torre que ha de ser alta, & subida.
E pois as largas velas me enche o vento
Antes que acalme, & nauegar me impida
Quero fazer ao mar abarca leue
[illegible]rque no mar toda a bonanca he breue.

E se no filho ao Pay sempre se espera
Condição, & custume semelhante,
Se do brauo Leão, Leão segera,
Se do grande Elephante, outro Elephante,
Saluo se achar algum que degenera
Para que como mõstro nos espante,
Nasceo Sancho tão forte, & tão valente,
Que nem o forte Auoo nem o Pay mente.

Eis là de monte a monte, vae passando
As ballizas do inuerno turbulento,
E perdida a cor propria, outra tomando,
Entra Bethis no mar sanguinolento.
As temerosas agoas espalhando
Perturba todo o vitreo aposento.
Teme Neptuno, & como May incerta,
O minino a seus peitos Ino aperta.

Afonso lhe succede aquem se entrega
Hũa villa real co a frota estranha
Aquem ver a cidade o vento nega,
Onde da terra, & Ceo gloria se ganha.
Em dillatar o reino o tempo emprega
Nem o Mouro furor seu braço acanha,
Que apesar de mil mortes, & mil danos
Estendeo os limites Lusitanos.

Deste Sancho nasceo qual flor de inuerno
In capaz do real sublime officio,
Melhor para siruir o reyno eterno
Metido nhum monastico excercio,
Priuado por remisso do gouerno
Foy de pois pello braço Pontificio,
Que como hum forte Rey o reino exalta
Assi torna a cair se este lhe falta.

Quem dezeja, que a noyte escura passe,
Por enfermo quicà, quicà, por triste,
E venha o Sol, que sempre tarde nasce
Quando o remedio seu nelle consiste.
Vendo da bella Aurora a roxa face
Alegrase, & mais forte ádor resiste,
Que como ella do leito vem primeiro
Não deue tardar muyto o companheiro.

Tal eu em vendo Afonso, Pay daquelle
Que de tão longe ja buscando venho,
Alegrome, que tendo perto a elle
Me parece, que perto o filho tenho.
Por mais que me desfaca, & me desuelle
Não poderâ chegar meu fraco engenho
Onde sua menor virtude alcansa
não mudara a mor com a mudança.

Foy Conde vioſe Rey, cuſtumes troca
E troca amor da miſera conſorte,
Ainda que outro amor que mais lhe toca
Lhe faz cortar por eſta deſte ſorte.
Amor de Portugueſes o prouoca
A quem dezeja como à ſeus por morte
Deixar com nouo matrimonio herdeiros,
Por não paſſar o reyno a eſtrangeyros.

Sendo infante caſou chũa ſenhora
Em Bolonha de graça, & fermoſura
De mil dotes ornada ſe não fora
tão pouco gracioſa co a ventura,
Eſperando co tempo, de hora em hora,
Fruyto do matrimonio, que procura
todo Animal por natureza muyto,
Paſſou ſem fruyto os annos de ſeu fruyto.

Dor deſta deſgraça mitigaua
Com a preſença alegre, & viſta vfana
D'aruore a cuja ſombra deſcanſaua,
Que como ſombra fugitiua engana.
Triſte que quando menos o cuidaua
Quãdo atẽ por mais brãda, & mais humana
Então a deixa porque mais a enoje
E quanto mais a ſegue mais lhe foje.

Portugal neste tempo determina
Tirar a Sancho o Ceptro, Afonso chama,
Que quanto acerta na elleição lhe ensina
De seus custumes a sublime fama.
Por seu gouernador em tanto o assina,
Em quanto o irmão, q̃ contra oreino clama
Dura na vida, ou voluntario larga
Dos fracos hombros seus tamanha carga.

Aceita Afonso alegre o pezo estranho,
Que hõbros tem, que sostẽ o mundo podẽ,
Não se inclinão ja mais com ser tamanho
Mas onde mais carrega mais acodem.
Conhecem todos o dobrado ganho,
E de todo àffeição do Irmão sacodem,
Tambem Afonso dalma o amor lansa
De Matil de que ja de esperar cansa.

Espera cada dia que elle amande
Chamar como ja la lhe prometera,
E seu descuido co traballo grande
Desculpando comsigo, mais espera.
Mas vendo que por mais q̃ corra, & al
O tempo senão lembra, desespera,
E de perto quer ver a crueldade
[illegible]e não crê longe, nem se persuade.

Metese

Meteſe n'hua Nao, entrega ao vento
As velas, & a ventura, que ja teme,
Que quando eſtá por vir qualquer tormento
Logo o adeuinha o coração, & treme.
Em poucos dias fez no porto aſſento
O mal afortunado, & triſte leme,
Sae a eſtrangeira triſte, entra co Rey
Que a feè lhe rompe, & quebra a firme ley.

As palauras que alli com elle teue
Nem eu as ſei, nem poſſo aqui eſcreuellas
Que o lugar he pequeno, o tempo breue,
E mais tempo, & lugar me pedem ellas.
Alli lhe repreſenta o que lhe deue
E cos olhos choroſos nas eſtrellas
Mil laſtimas lhe diz, & o tempo antigo
A' memoria lhe traz como a inimigo.

Elle que toda a piedade eſconde
E de rigor ſe veſte dentro, & fora
A todas eſtas magoas não reſponde
Mais, que ja longe de Bolonha mora.
Que he Rey em Portugal, ſe fora Conde
Que então fora cruel, ſe cruel fora,
Mas que não ſe caſando o Reyno perde
Que lhe de manda ſucceſſor, que o herd

Desta resposta a triste desconfia,
E tornarse outra ves por melhor acha
La viueo te que a morte em terra fria,
O peyto seu, sem appellar despacha.
Concebe Afonso então noua alegria
E seguranca co a segunda facha
Que hum nò de matrimonio so nos ata,
Todo o mais de hum, em ves de atar desata.

Masque monte he aquelle tão possante,
Que porsima de todos arrebenta,
He Olympo onde loue fulminante
Não chega, onde não choue, onde não vẽta,
He por ventura o celebrado Atlante
Que nos hombros o Ceo firme sustenta
Assoma o Pyreneò, ou o de Roma?
Monte assoma, mas he Dinis que assoma.

Pois pensamento meu, que tão cansado
Vens de correr hum pouco, aqui descansa
Porque prosperamente tens chegado,
Aonde te leuaua a esperança.
Qua! Nao que vendo oporto dezejado
Abaixa as velas, & o ferro lansa,
Mas ainda que em porto agora estamos
Não he o derradeiro que buscamos.

CANTO SEGVNDO.

Vdo fez differẽte o eterno intẽto,
Cà no mundo de todo tã perfeito
Que cõ pouca razã, & fundamẽto
E mais ſoberbo q̃ prudente peyto:
Ouſou dizer o outro entendimento,
Que pudera emmendar o que era feyto
Se Deos quando o criou com tanta graça
Seu conſelho admitira, & ſua traça.

Criou fontes, & rios, & aruoredos,
Alegre alliuio àquelle que caminha,
Tendidos campos, montes, & rochedos,
Que o Ceo fingem n'hum delles ſe ſoſtinha,
Animaes com mil ſortes de ſegredos,
E formas como a ſeu ſaber conuinha
Aſtutas Onças ſabios, Elephantes,
Lebres, fugaçes, & Leões poſſantes.

Naſ

Na fabrica tambem do corpo humano
Deste meſmo concerto, & ordem vſa
Poem a razão no trono ſoberano
Deſpois a turba de paixões confuſa,
Alegria, triſteza, amor tyranno,
E temor, que o tyranno amor recuſa,
Pois não ha furioſo mar que eſpante,
Os fortes braços do Abydeno amante.

Faz no comun gouerno por remate
Hum pequeno, outro grãde, outro prudẽte,
E leuantalhe hum Rey para que o ſtrate
Apremie caſtigue, em paz ſuſtente,
Eſte do modo, que na vida bate
Aſsi reſponde o ecco na outra gente,
E atras como Sol verde Gigante,
Eſperay, & vereis de que Rey cante.

Dinis em quem cifrou a natureza
Quantos dotes por todos eſpalhara,
Obra gentil de que ella aſsi ſe preza
Que por ſua a publica, & a declara
Foy à ſeu reino como facha aceza,
Que a noyte eſcura, & tenebroſa aclara
Ou qual miſterioſa alta coluna,
[illegible] perigrinação tanto importuna.

Todo

Todo o Planeta para aquella parte
Onde naſce Dinis o curſo moue,
Dalhe esforço, & valor o brauo Marte,
Dalhe o Ceptro real ò ſummo loue.
Mercurio lhe infunde engenho, & arte,
Brandura graça, amor, Venus lhe choue,
Nem eſtes dotes lhe fugirã logo,
Como à Molher do roubador do fogo.

Quem mais compridas mãos, & largas teue,
O Briareo, ou Gigas Centimano
Que entrar q̃ mõte em mõte o Ceo ſe atreue
E fazer dano onde não cabe dano.
Aquelle que do mundo em tempo breue
Foy ſenhor, & por mais ſuſpira vſano
E o que por perder o dia chora
Fora aſas liberal ſe tanto o fora.

Entre Afonſo, & Fernando Caſtellanos,
Hum eſpantoſo fogo de odio ardia
Como ardeo entre os dous Irmãos Thebanos
Que na morte outro fogo diuidia
Para remediar tão graues danos
Dinis por mais inteiro ſe eſcolhia
Em Caſtella entra onde ſeu nome fica
Contra a enueja, & tempo, & ella ri

La

La mostrou a grandeza de seu peito,
Que a luz em toda a parte se descobre
Deixando asâs contente, & satisfeito
Com merces desiguaes o baixo, & nobre.
De todos tão querido, & tão aceito
Quanto he orico liberal, do pobre
Que surdas prayas, que ja mais ouuirão
A esta voz tomai sempre a cudirão.

Leuante Roma ao Ceô o seu Augusto.
Pois que Augusto ao Ceo leuanta Roma,
Que dar Roma à Augusto gloria he justo
Pois que de Augusto Roma gloria toma,
Elle cõ desusado gasto, & custo,
Faz comque mais fermosa, & alta assoma
Correndo o nome, que innouando alcansa
A par co que a primeira pedra lansa.

De cà contemplo ainda, que distante,
De Apollo, & Marte a casa excelsa, & alta
E o soberbo templo do Tonante
Ioue, que o sitio, & amateria exalta.
Para que saya menos inundante
Do Tibre alarga a madre estreita, & falta
Mas se saõ obras dignas de memoria
As de Dinis não saõ de menor gloria.

Cer-

Cercou â muytas terras de alto muro,
Ainda que não foy octauo espanto,
Com que ficou o reino forte, & duro
Da gente respondendo à valor tanto.
Sò conto Guimarães nobre, & seguro,
Aposento primeyro do Rey santo
E outra, que hè de jaspe, & ser de chamma
Cercada creò o barbaro por fama.

Este hè Setubal doce patria minha,
Que à Venus me mostrou por ascendente
Nella meu coração, & alma tinha,
Hum tempo ja passado, & mais contente.
O ar, & sua vista me sostinha,
E a lembrança soo estando ausente,
Mas ouue em mi, & nella tal mudança
Que o ar me mata, a vista, & alembrança.

Todauia contente, & alegre fora
Se mudarme outra ves disto pudera
Entre a verde Pomona, & alinda Flora,
Entre Bacho, & Minerua alli viuera
A que nasceo das ondas nella mora
Deixando Idalio Paphos, & cythera
E o vario pastor com grão cuidado
Incina para alli todo o seu gado.

E como Dinis sempre à sombra estene
Daquella aruore triste mas prudente,
Que de seu negro fruyto as cores deue
Ao malogrado amor, que inda oje sente
E no seu coração, & peito teue
Do celebrado Ganges a corrente
Tantos thesouros quando morre deixa,
Que de auar ento se lastima, & queixa.

Pois quem bebeo do grande Euphrates tanto,
Quem pòs no claro Sol olhos tão claros
Por ventura o soberbo Rodamantho,
E os outros Irmãos tão pouco auaros.
Que no reino cruel do negro espanto
Não perdoão ainda a filhos charos
Ou aquelle que deu co a luz perdida
Dos olhos lux a ley escurecida.

A que tem nhua mão hum feixe atado
De varas verdes, noutra hua balanca,
E tras como catiuas a seu lado
Duas donzellas cujo brio a mansa.
Hũa chum ferro agudo mas quebrado
E outra chum bordão em que descansa,
Ia mais dos olhos seus esteue ausente
Que o grande amor ausencia não consente.

As gentes

As gentes no seu tempo respirarã
De Scinis, & Procustes infestadas
E seguras, & liures caminharã
Sem perigo nenhum pellas estradas.
Como nocturnas Aues quedeixarã
Os assaltos, & prezas começadas
Tanto que mostrou Phebo no Oriente,
Os rayos que àuenhña ver consente.

Não ouue no seu tempo monstro horrendo
Que não pusesse à fogo, & ferro logo
Contra á hydra cruel em furia ardendo
Armado sempre andou de ferro, & fogo.
Torcerlhe o braço forte não podendo
Obrigação, amor, paixão, nem rogo
E aquem nem amar nem odio torse
Quẽ hà senão sò Deos que omoua, & forse.

Foy qual Aue que os velhos pays alenta
No berço em que foy delles alentada
E se passar à outro clima intenta
Passar co grato pezo não lhe enfada.
De serpentes, & cobras se sustenta
Tendo com ellas guerra pregoada
Em comarca em torno aonde habita
Nestes assaltos sempre se exercita.

Não ficou tão igual a grande brenha
De varios animaes segura casa
Quando para que o gado pasto tenha
O pastor lhe pos fogo, & fez em brasa.
Não ha tronco soberbo, que detenha
O ardente furor, que tudo arrasa
Inclinão altas aruores os bracos
Das feras descubrindo occultos passos.

Com isto fica a terra descuberta
A dezejada lux do Sol dourado
E dos espessos matos já deserta
Apta para tornar hum fresco prado,
Nos abundosos pastos sempre certa
nunca mentio co feno ao manso gado
Tal com Dinis o Reino Lusitano
Está mandado limpo casto vfano.

Ainda que a Coroa de fino ouro
Magestade real bem lhe parece
Em grande preço tem hũa de louro
Que o grande Apollo co as Irmaãs lhe tece.
Tambem o furto ouuio do branco touro
E o nome que ao mar de Icaro crece
Tambem bebendo de Aganippe as agoas
Accendeo mais a sede àbrandas magoas.

Se me elle vira agora eſtar cantando
Còs ſentidos na muſica tão prontos,
Não auer melhor couſa imaginando
Quicà, que me enxergara alguns deſcontos.
Ora me achara duro, ora muy brando
Enfim mil erros no tomar dos pontos
Mas pode ſer, que ſatisfeito foſſe
Que aſas deu, o que deu conforme a poſſe.

E para que jà tudo enfim lhe caya
A midida, & ao corte do dezejo
Que o bem defficultoſo antes que ſaya
Se hua ves comecou perder opejo.
Menos vfano pello campo eſpraya
A dourada corrente o rio Tejo,
Iſabel por conſorte ſe lhe entrega
Que a mais chegar não pode o q̃ aqui chega.

Agora Muſa minha neſte paſſo,
O principio me enſina deſta hiſtoria
Pois nunca teu fauor me foy eſcaſso
Não falte no melhor de minha gloria.
Não cortes meus intentos em agraço
Sem primeiro ficar delles memoria
Deixa chegar a ſer maduro o fruyto
Que he hõra ao cãpo, & rẽde ao ſeñor m

Ah' que de todo errado o norte leuo
E perdido o farol, que me assigura
Pois com fauor tão fraco, & vão me atreuo
Vir despregando velas â ventura
Pidir outro fauor mais alto deuo
Para poder subir a tanta altura
Doutra sorte por mais, & mais que cante
Afracarâ co pezo o alto Atlante.

Fique Parnasso a tras, que em vão se cansa,
Quem espera por sua companhia,
Vos Isabel guiai minha esperança
Onde eu a ella, & ella a mi me guia.
Não encontreis a certa confiança
Que neste coração de vos se cria
Daime como Ariadna o certo fio
Neste arduo Laberintho, & tão sombrio.

O soberbo Animal, que a tantos passos
Crece que vem a ser nagoa hum rochedo,
Midida dos que tendo curtos braços
Vem despois à tocar no Ceo co dedo.
No mais alto do Nilo tão escassos
Os olhos tinha, que os abria a medo
Nem cala a cima com a lux pequena
Que o tempo doutrem nagoalha condena.

Por outra parte a Aue que se affeyta
Naqual os olhos troca o pastor de lò
Largas as pennas, & a roda feyta
Os espelhos mostraua ao ar sombrio.
Onde se vè a terra ainda estreyta
O campo, o valle, a serra, a fonte, o rio,
Quando Dinis os spiritus cançados
De termina furtar á seus cuidados.

De negra roupa hum homem lhe apparece
Vistido, & outra branca aos peês caida,
Hum ramo tras na mão comque adormece,
E por tempo suspende o alento, & vida.
Vem com este o descanso aquem padece
Vayse, & ficalhe o mal, com a partida
Este sopea o mais valente, & forte
E basta ser Irmão da dura morte.

Là de vagar estaua descansando
Na verde ripa de lethea vea.
Quando ouuio hum estrondo q̃ imitando
Vinha o do animal que Marte enfrea.
De longe as vnhas deaço vem soando
E ja confunde o ar, o poo, & area
Qual grande fogo que antes que apparea
Cobre as nuues, com outra nuue espes

Eis quando junto pàra a ferrea planta
Hum cauallo que Pegaſo ſe chama
De grandes aſas com que ſeleuanta
Conhecido entre a verde laurea rama.
O brio lhe ſofrea huma Giganta
A que muytos quizerã chamar fama,
De mil olhos, & linguas orna o grande
Corpo, & coa mão eſquerda hũ rayo brãde.

Traz hum retrato, & vnica pintura
Na dereita onde Apelles ſe perdera
E como com a viſta fera, & dura
Meduſa em dura pedra o conuertera.
Aſsi eſta com ſua fermoſura
O conuerte de dura em branda cera
Que o mais feròs, & aſpero ſogeito
Sogeita a hum lindo roſto o brauo peito.

Vãoſelhe os olhos tras couſa tão bella,
E tras os olhos alma leda, & triſte
Quanto mais olha tanto mais por ella
Se perde, & tanto menos lhe reſiſte.
Neſta viſta co a viſta ſe deſuella
E quanto mais afraca mais inſiſte
Porque aforſa mortal onde não pode
Alli o dezejo com mais forſa acode.

E duuidan-

E duuidando que figura fosse
Aque em tantas figuras o mudaua
Pois jâ tinha de si perdida apossе
Nem já se achaua em si se buscaua.
Porque em parte se alegre, & aluoroce
Se o fogo conhecer, que o abrasaua
Os fracos olhos nestas letras dão
Isabella Princesa de Aragão.

Nisto com a manhaã do sonho acorda
Cansado como quem de longe veyo,
E triste porque tão depressa aborda
Do morto mar na costa doreceyo.
Iâ do meyo do leito vem à borda
E jà torna da borda para o meyo
Que quando o pezo dalma inquieto anda
Mal pode o corpo estar de hũa sò banda.

Cruel Sol diz, que me cortaste o fio
De hum gosto vão que a furto hia tecendo
Vão gosto que o lugar delle vazio
E cheyo de teus rayos estou vendo.
Bem pudera escusar teu lustre, & brio
A troco do que vij, & ver pretendo
Mas minha sorte se resolue nisto
Que nunca vejo, & sempre tenho vis

Quicà que eſpante a muytos o que digo
Pois de hum Rey ſe publica eſte queixume
Que quanto quer alcanſa ſem pirigo
A fortuna porbaixo do alto cume.
Mas vſou neſte bem tão mal commigo
Que imagino que otenha por cuſtume
E baſta que hũa ves tal bem me negue
Para cuidar que ſempre me perſegue.

Sempre cry deſarmar o ſonho em vão
E pella maior parte ſer mentira
Mas não ſei que ſentio meu coração
Que por elle em vão chora, em vão ſuſpira.
Foyſe o ſonho, ficoume eſta paixão
Que o coração de ſeu lugar me tira,
Em que lugar hum pode eſtar contente
Que o coração em ſeu lugar não ſente.

Os olhos ſaõ as portas porque paſſa
O brando amor, & ſe recolhe nalma
Eu cos olhos ſem lux, & a viſta eſeaſſa
Dey de meu coração à Amor a palma.
Vem a calma co Sol que arde, & treſpaſſa
Eu ſem ver Sol eſtou ardendo em calma
Da nuue rota orayo o monte araza.
nuue ſem trouão elle me abraza.

Ou fal-

Ou falsem no melhor, ou sonhos sejão
Verdadeiros em tudo, & me assigurem,
Bens tamanhos, que tanto se dezejão
He bem que à todo o resto se auenturem.
Para que pois de longe me festejão
De ingrato, & de couarde não murmurem,
E muyto menos erra em cousas altas
Quem erra por excessos, que por faltas.

Não erã muytos dias ja passados
Despois daquella noyte saudosa
Quando tres por Dinis forão mandados
A pidir Isabella por esposa.
E despois que por Pedro festejados
Derão sua embaixada duuidosa,
Responde o Rey benigno deste modo
Banhado em alegria o rosto todo.

Em hũa Ilha deserta inhabitada
Desamparado hum triste à caso estaua
E tendo hũa sò Nao perto anchorada
Moncão para partir se alli esperaua.
Eis quando de esperar tanto se enfada
Que solta a Nao pella corrente braua,
Dos olhos perde a nao sua esperanca
E quando torna em si jà a nāo alcansa.

Tereis isto por grande marauilha
Ia que solta hum remedio vnico, & raro,
Pois não ficou na solitaria Ilha
Tão solitario em tanto desamparo.
Como eu deuo ficar sem minha filha
Hum sò refugio meu, & alliuio charo
Se eu a lanso de mi, com ella lanso
Nesta velhice todo meu descanso.

Não poderei passar o mar seguro
Sem ella se passallo tento, & quero
Com ella a todo risco me auenturo
E com ella bonança em tudo espero.
Ella tenho por torre, & forte muro
Contra todo combate brauo, & fero
Sem nao nem passa o mar nem tomo porto
E sem muro serei catiuo ou morto.

Tambem por outra parte alcanso, & vejo
Que qu pidirme hum bẽ que tenho manda,
De tao longe, ou bẽ grande seu dezejo
Ou tambem grãde afalta em que delle anda.
E como com razam me corro, & pejo
De não satisfazer a tal demanda
Quero o meyo tomar que Cursio toma
Antes que pirigar sem elle Roma.

Quero

Quero cortar por mi porque não corte
Em flor huma esperanca bem nascida
Que em ves deuiração ou brando norte
Se veja chum soão murcha, & caida.
E a troco de minha certa morte
Remedear o mal de albeya vida
Mostraime empago disto animo grato
Em quanto com meu bem de meu mal trato.

CANTO

CANTO TERCEIRO.

DE muyto differente no exercicio
A vida q̃ ſcuiue limpa, & caſta
Daquella q̃ em deleite, & torpe vicio
Sò por hum doce não ſei que, ſegaſta.
Que ſempre as obras forão claro indicio
D'alma que para obem do mal ſe afaſta
E da triſte que foge do bem certo
E Do mal ſegue o vão caminho aberto.

Eſta vereis empaſſatempos varios
Em muſicas em danças occupada
Em vaõs cuidados feitos temerarios
Que cuſtão muyto, & nunca montão nada.
Aquella em ſacrificios ordinarios
De conſideraçõeſ do Ceo leuada
Qual acha a filha o Pay entre o aruoredo
Rompendolhe o melhor de ſeu ſegredo.

Tinha Isabel hum jardim fresco, & lindo,
Alliuio certo de qualquer tristeza,
Onde Flora se estaua sempre rindo
Com bella face, & com gentil belleza.
Suas flores, & graca perfirindo
As do jardim que Alcinoo tanto preza,
E âs donde leuou as macãas d'ouro
Para louuor albeyo o sabio Mouro.

Aqui o bello filho de Cephiso
Em flor mudado junto d'agoa crece,
Sem perder inda o nome de Narciso
Que Narciso nas cores bem parece,
Aquy Hyacintho, que seu doceriso
Quiz nas folhas em lagrimas se lesse
Aqui o immortal verde Amaranto
E Adonis de Venus triste pranto.

Aquella tarde alli colhendo andaua
De flor em flor aque lhe mais contenta
E entre todos mais fermoso achaua
Hum lirio que hum bem seu lhe representa.
A este sò queria, este cheiraua
Não quer dalli passar, alli se assenta,
E com amor lhe faz tanto martyrio
Que perde o cheiro todo, & agraça o lirio

E como ella em qualquer ſucceſſo deſtes
Faça logo diſcurſo co a memoria
Que hua alma pura tras em tudo preſtes
A conſideração dos bens da gloria
Lembrando ſe de morte nos Cypreſtes
Lembrandoſe nas palmas da victoria
O que não faz o mio, que como âranha
Em peçonha conuerte a flor que apanha.

Começa à comparar co a flor perdida
A gloria da humana fermoſura
E a gloria tambem de noſſa vida
Que muyto cedo acaba, & pouco dura,
E cos olhos na graça amortecida
Abrio da boca a graça viua, & pura,
E do coração ſolta eſtes auentos
Altentos tendo os inconſtantes ventos.

Belleza humana ainda que te enoje
Q nem te eſcolhe não vê quam pouco eſcolha
Appareces nos bella, & fermoſa oje
E não te acha â manhaà quem por ti olha.
Nem tão depreſſa a leue ſombra foje
Nem d'aruore co vento cae a folha
Nem ſe desfaz na praya a empolla bella
Que ja a não vejo quando cuido uella.

Es como

Es como rio feito de alta neue
Que no monte Ripheo o Sol derrete
Não ha tronco Epenedo que não leue
E corrente perpetua ao mar promete.
Mas do soberba, & gloria que então teue
Sò fica rico o mar onde se mete
Nem hâ de suas agoas outras prouas
Que altas, quebradas, & profundas couas.

Assi na noyte vem serenà, & bella
Alumeando oar a estrella errante
E não ha já final nem mostras della
E caio inda agora rutilante
E mais leue, & ligeiro que aestrella
Corta as nuues o rayo fulminante
E no ponto que sae do Oriente
Nesse tambem se esconde no Occidente.

Pello mar ou sem vento abarca reme
Ou com vento diuida a branca escuma
Caminho vae deixando atras co leme,
Que confundirse logo então custuma.
E se com fruyta carregada geme
Como todo o final o mar consuma,
No ar, da carga suaue ocheiro fica
Que apassagem da barca sò publica,

Passa o verão de nossa mocidade
Quando o fruyto maduro, & sãõ se colhe
E entramos no inuerno de outra idade
Onde a folha se seca, & a flor se encolhe.
Sò nos fica este bem co a saudade
Do bem que tornar mais o tempo tolhe,
Que nascem neste inuerno brancas flores
Vistindose o verão das mesmas cores.

O vida fragil como vidro leue
Que então se quebra quando resplandece
Catiua que tributo a morte deue
Logo no mesmo dia, que apparece.
Quem poem em ti sua esperança breue
Pois que comtigo no melhor perece
Quem a fragil esteyo, & vão se arrima
Vêse embaixo, cuidando estar emsima.

Cos Elephantes ficão comparados
Se com a vida a esperança caya
Que como elles repousem arrimados
A troncos altos d'algũ freyxo ou faya.
Temlhos de dia os naturaes cerrados
Para que a noyte o effeito bem lhe saya,
Fiãose na apparencia, & forte altura
Caem com ella em viua sepultura.

Não sei o Natureza, que te altera
Feyta de tosca terra, & barro grosso
Que foras se abelleza te não dura
O que para dar tudo quiz ser nosso.
Eras platano a sombra por fruyto era
Com as joyas te ornou de seu pescosso
Eu jà de tua gloria não me espanto
Mas de auer Xerxes que te amasse tanto.

Forçosa obrigação daqui te nasce
Para que tanto amor não se adultere
Que bem mereçe aquella bella face
Catiue coraçoes que tão bem fere.
Não hà era que tronco ou muro abrasse
E despois solte os noôs, & outro espere,
Liou se Deos com noôs de amor comtigo
Pois deixas por hum nouo amor antigo.

Eu em quanto durar afraca vida
Que sò para isso larga, & saã dezejo
A este soò amor serei rendida
Pois agloria de amor sò neste vejo.
Porque se afermosura á amor conuida,
E fora della todo amor he pejo,
Amor, amor daquella fermosur
Que tudo fez fermoso, & sempre dura.

Neſtes ſantos conceitos occupada
Altas memorias, nobres penſamentos,
Eſtaua temeroſa, & alterada
Se correſponde em tudo cos intentos.
Quando do Pay querido foy achada
Que tambem ſoltar vem, magoas aos vẽtos
E alegre co encontro que pretende
deſte modo lhe falla, & a ſuſpende.

Hũa noua vos trago de tal ſorte
Amada filha que de mi não fio
Não proueis ſeu agudo fio, & corte
Pois primeiro prouci ſeu corte, & fio.
Mas oprimeiro encontro he duro, & forte
Deſpois ſer mais ſuaue em Deos confio
Que ao longe ro chas aſperas, fragoſas,
Se acharão ao ſubir mais amoroſas.

Com firmes noôs ataruos determino
Com firmes noôs de matrimonio ſanto,
E pois a taes eſtremos eu me inclino
Não vos canſe temor ou duro eſpanto.
Que pois forſa não cabe, algum diuino
Eſpirito do Ceo me forſa a tanto
E ſe elle dece a ſua vehemencia
Humano ſer não teue reſiſtencia.

Quanto

Quanto mais que se mostra tanto ao claro
Quam bem tã singular penhor se emprega,
Que ainda que me falte vosso amparo
Não ha razão que obrige se senega.
Verdade he que me custa muyto caro
O daruos, mas dirão que amor me cega,
Mas o não daruos, muyto mais me custa
Porque não pago á pitição tão justa.

He Rey de Portugal reino sublime
Em nobreza, & valor de gente altiua
A quem hè justo, que Aragão se arrime
Para que mais soberbo, & vfano viua.
Eufico que este bem tanto se estime
Se beneuolta sois, & não esquiua
Que vide, & olmo, terra, & Ceo sustente
E sombra, & fruyto em annos acrecente.

Bem sei que hè vosso intento bem estranho
E que outro amor com outros nos vos ata
Mas os noòs firmes desse amor tamanho
Este amor que vos dou não os desata.
Antes hè para vos hum nouo ganho
Pois hum com outro não se desbarata
E pera algum alliuio â minha pena
Consenti filha no que o Ceo ordena.

Ella qual Aue aquem de siso aperta
Para o instante parto o tempo breue
Anda voando duuidosa, & incerta
Em que aruore pendure a casa leue.
Esta he sombria, aquella ao vento aberta
Em nenhũa ficar triste se atreue,
Tê que de ramo, em ramo já cansada
Hum ramo escolhe, que lhe mais agrada.

Desque mil bordos fez co pensamento
Se nabarra entre, ou se ao mar se faça
Se não consinta, ou deê consentimento
Assi abrio dos dous rubis a graca.
Propositos quebrar de firme assento
Senhor, & Payhê tão aguda traca
Que temo que me roa os fracos dias
Pondo no fio minhas alegrias.

Mas trago pella vossa regulada
Esta vontade tanto por medida
Que já não posso desuialla em nada
Em quanto a linha não quebrar da vida.
Irei, por onde for de vos leuada
Por mais que outro caminho me conuida,
E se com vosco errar, então he certo
Que muyto menos èrro, & mais acerto.

Nisto

Nisto banhada em lagrimas a leua
Nos bracos brandos o Pay triſte, & ledo
Ceuando a viſta com que amor ſe ceua
Na viſta que tão longe ha de ir tão cedo.
E porque conſumäia a eſcura treua
Co a sõbra, as verdes ſombras do aruoredo
Vão ſe por entre flores recolhendo
Flores que com ocheiro os vão de tendo.

E ſendo tempo jà de algũ deſcanſo
O Pay sô não deſcanſa, nem repouſa
Variando de hum lanſo, em outro lanſo
E de hũa couſa, dando em outra couſa.
Chum leue murmurar ſentido, & manſo
Que acrecentar ă filha a dor não ouſa
Eſtas palauras diz cheas de magoa
Feitos os olhos viuas fontes de agoa.

Incerto filha minha vou, & venho,
Quem nunca vos gerara nem naſcera
Que em quanto minha filha aqui vos tenho
Paz, & quietação o reino eſpera.
Como ſeguro paſſa qualquer lenho
Nem ſopra o vento, nem o mar ſe altera
Em quanto confiada em ſeu amparo
Alcyone lhe entrega o ninho charo.

Destempere se ja minha alegria
Desande a roda a meu coração ledo
Pois o pezo gentil que ma mouia
Noutra parte muy longe estará sedo.
Acabe o alegre som que em mi se ouuia
Pois obraço que o daua ha de estar quedo.
Confunda se me o Ceò, & o tempo certo
Desordem seja tudo, & desconcerto.

Pello deserto a gente caminhaua
Que inda ouue o sonda grauida cadea.
E como muytas vezes lhe faltaua
A doce fonte da argentada area,
A vara de Moyses logo mudaua
A natureza da salgada vea,
Vos sois como esta vara filha minha,
Não tinha pezar, não, quando vos tinha.

E laà noutro mais horrido deserto
Aonde agoa he peor que a mesma sede.
Os animais esperã de conserto
Se outro cuidado o vnicorne impede.
E tocando co corno o lago he certo
Que apeçonha se vae, & se despede
Vos sois este Vnicorne filha minha
Não tinha males, não, quando vos tinha.

Midas que de juizo falto, & pobre
Negou a gloria ao amador do louro
Quanto co amão tocoua em metal nobre
Conuertia, faminto de Thesouro.
Tocaua o cobre vil, era ouro o cobre,
Tocaua o baixo ferro, o ferro era ouro,
Vos eres este Midas filha minha
Não tinha falta, naõ, quando vos tinha.

Agora sentirei com vossa ausencia
A dura ausencia destes bens que tinha
Encontrando do todo a paciencia
Pois de quanto sentir a culpa heminha
Que se a parca cruel sem resistencia
Vos cortara da vida a fraca linha
A forçosa mortal necessidade
Siruira de remedio à saudade.

Mas ver que ei de chorar vossa partida
E que eu mesmo ei de ser a causa della.
Aqui aqui a fraca nao da vida
A costa dá perdendo a amiga estrella.
E nisto hum pê de vento dor crescida
Lhe leua o leme forte, & rompe aquela
E perdera co ador a paciencia
Se a razaõ naõ fezer a resistencia.

Qual valeroso Alcides sustentando
Em seus hombros a mole cristalina
Suando co trabalho, & tressuando
Quanto mais cansa mais se determina.
Mas de todo co pezo já afracando
Os largos hombros, & acabeçainclina
Tè que o soberbo Atblante ò dessalliua
Sustento o pezo co a cerujs altiua.

Resiste â forte dor aquelle peitò
Que nunca grandes ventos alterarão
Decendo as ondas à seu manso leito
Aonde por espaco repousarão.
Mas ficou tão cansado, & tão estreito
Despois que as tempestades acabarão
Que não pode julgar que seja o certo
Tão suspenso se vee, & em tanto aperto.

Qual quando pella barra da vlissea
Praya, vem co a mare a Naõ entrando
E de hũa parte a tras a forte vea
E de outra o brauo norte està soprando.
Resiste cada qual â furia alhea
Apropria cada ves mais esforsando
Suspensa està no meyo daquella agoa
Como na Maẽ primeira a curua taboa.

Alçando

Alçando os montes vinha aquelle dia
Entre todos os dias ſinalado
No qual tanto prazer amanhecia
A Dinis acabando ſeu cuidado.
E a Pedro com elle anoytecia
Porque ſeu Sol não era o cuſtumado
Que ſeu Sol cuſtumado tras montaua
Quando aquelle Oriſonte o Sol douraua.

E como o bem, do qual a perda he certa
Quando logo ſe perde, & menos dana
Como tambem o mal que o arco acerta
Se logo emprega a ſeta deshumana.
Por ver a dor de todo deſcuberta
Que calados queixumes deſengana
Faz do grande penhor depoſitarios
Aquelles amoroſos aduerſarios.

E dando ja os vltimos abraços
Impidindolhe a dor a voz, & a falla
Os meneos, os olhos, & os braços
E as lagrimas dizem quanto calla.
E ella que não tem os ſeus eſcaſſos
Pois amor não fez nella menor cala
O Pay querido de tal ſorte aperta
Que alli tiuera a mão Gordiano incerta.

Deſpoi

Despois que hum largo tempo fez aparte
Os dous corpos que hum mesmo amor ajunta
Qual Rebecca do velho Pay se parte
Tal se parte do Pay quasi defunta.
Mas não defunta a cor, belleza, & arte
E a graça que então estâ mais junta
Pois crece à natural que nella mora
Outra graça de lagrimas que chora.

Qual no fresco jardim purpurea rosa
Em todo otempo tão fermosa, & bella
Que adezeja trazer qualquer fermosa
Como rica grinalda na capella.
E aprimeira flor que a linda esposa
Para Zephyro colhe hà de ser ella
Mas com a rosciada matutina
Mais bella, como toda outra bonina.

Todos saem com ella os olhos fontes
A lagrimas os olhos sempre abertos,
Como quando os Ripheos Orisontes
Se de gelada neue estão cubertos.
Firindo o Sol mais quente os altos montes
Vaõse em rios, & ficaõ descubertos,
Huns à seguem co a vista, outros co alma
Outros ficaõ sem alma, & vista, em calma.

Qual

Qual, quando alguã Nao ſolta da praya,
Para nauegação larga, & comprida
Não ha peſſoa algũa que não ſaya
A vella, & do alto monte ſe diſpida.
E quanto mais ſe aparta mais deſmaya
Das fracos olhos apequena vida
Atê que lhe confunde a lux que canſa
O Ceo co ar, com ambos a eſperança.

Ella com não menor pena, & deſgoſto
Pagando vae aquelle ſentimento
Ainda que adiante leua o roſto
Com tudo atras lhe fica o penſamento.
No Pay, na doce patria o deixa poſto
Que em auſencias não ouue peito iſento,
E mil vezes atras os olhos vira
E com ſobeja magoa ſe retira.

Por onde vae de graças mil ſemea
E de mil glorias nouas orna aterra
De verde eſmalte veſte a triſte area
E os duros abrolhos lhe deſterra.
Mais pura vae da clara fonte a vea
E mais vfana ſe leuanta a ſerra.
Aqui para caminho ſe abre o monte
Aqui ſe paſſa o rio a vao ſem ponte.

Os ani-

Os animais das aſperas montanhas
Nos altos precipicios appareçem
E perdidos por ver couſas tamanhas
Para as eſtradas, & caminhos decem.
Moſtra o brauo Leão brandas entranhas
E os tigres de ſeu furor ſe eſquecem,
O Ceruo attento os olhos nunca tira
Como ſe na eſpeſſura a frauta ouuirá.

A cada paſſo naſce noua gente
Que os ditoſos caminhos cobre. & cega.
Como ſe Cadmo andara dente, & dente
Semeando os Irmãos que ao ferro entrega.
O laurador da mão larga a ſemente
E o paſtor ao gado o paſto nega,
Acha o paſtor deſpois medrado o gado
O laurador o campo ſemeado.

Qual quando por milagre ou caſo paſſa
De Arabia deſerta ao noſſo clima
Aquella que de geracão eſcaſſa
Encende a ſepultura, & morre em ſima.
Não hà Aue que às nuues ſe não faça
Por verem a que tanto o mundo eſtima
Deixando os bosques mudos, & deſertos
Fechando os ares que eſtão ſempre abertos.

Douraua o Sol os campos de Trancoſo
Onde Dinis áquelle tempo eſtaua (ſo
Quãdo outro Sol mais bello, & mais fermo
Chũa noua manhaã por elle entraua.
Não canto o apparato ſumptuoſo
Do pouo que de longe a eſperaua
Nem agloria tambem do nouo amante
Aqual me não conuem que agora conta.

E pois a noyte vem do Ceo caindo
E ſem aruores ſombra cobre o mundo
E ſeus rayos no mar eſtão firindo
As eſtrellas fazendoo Ceo ſegundo.
Co brando ſcintillar perſuadindo
Nos fracos corpos ſonuo alto, & profundo
Deſcanſemos hum pouco, mas não ouſo
Que repouſo não vem para repouſo.

CANTO QVARTO.

Tres cousas ha q̃ fazẽ, & desfazẽ
Nos custumes da humana natureza
Os ãnos nouidades sempre trazẽ
Que naõ souberã nunca ter firmeza.
Os mininos com huns se satisfazem,
Huns o mancebo, & huns o velho preza
Não fallo jà no tempo derradeiro
Que torna commumente ao ser primeiro.

Soem tambem causar grande mudança
Nos costumes communs da vida humana
As varias regiões onde nos lança
Da humana sorte afrosa des humana.
Hũ sou em Portugal, & outro em Fransa
O que cá me contenta, là me dana,
Que Deos na confusaõ do estranho cume
A cada lingua deu nouo custume.

A mesma

A meſma forſa tem o nouo eſtado
Que tem as regioẽs, & as idades
Nouos cuſtumes faz nouo cuidado
E dos antigos perde as ſaudades.
Quem na baixa fortuna anda humilhado
Soberbo eſtá nas vaâs proſperidades
Que jamais ouue alguem ſe nellas mora
Que não ſe eſqueca logo de quem fora.

Ditoſo pois aquelle tão conſtante
Que nunca bons couſtumes troca, & muda
Há poruentura alguem que nos eſpante
De condição tão alta, & tão ſeſuda?
Iſabel, & ſequer que della cante
Com fauor nouo a meu intento acuda
Veremos ſe cuſtumes lhe deſterra
Idade, nouo eſtado, eſtranha terra.

De Pedro, & violante neſta vida
A ves primeira ſente os nouos ares,
Ou a entrada chora, & apartida
De hũa vida tão chea de pezares.
No dia ſingular que foy naſcida
Em Aragão naſcerã bens a pares
Entre os filhos, & Iames Auòo, naſce
A paz alegre com Serena face.

INSTITUTO DE HISTÓRIA DA EXPANSÃO E DO COLONIALISMO
Faculdade de Letras - Coimbra

Como quando no Ceo graue, & malina
Estrella infunde, fome, peste, ou guerra,
Se doutra parte nasce hũa benina
Toda a malignidade lhe desterra.
Ou qual despoys daquella ira diuina
Que em diluuio cruel enuolue aterra,
Estando o nouo mundo amedrontado
Lhe nasce em paz o Arco variado,

Tal foy seu celebrado nascimento
Tal quietação trouxe, & tal bonança
Como quando bramando o mar, & o vento
Que de montes em valles á Nao lança.
Se o Santo lume fez no masto assento,
Na viagem confirma a segurança
E os caidos animos leuanta
Que doutra parte o vẽto, & mar quebrãta.

Logo desde minina nalta torre
Dalma se fechã â todo encontro graue
Dalli co pensamento os ares corre
E vae della entregar a Christo achaue.
Por seu amor o quer, por elle morre,
Ou a trate com mimos, ou a agraue,
Que o verdadeiro amor em nobres peitos
Não ar de mais ou menos por respeitos.

Iunto da clara fonte donde naſce
O rio, facilmente ſe deriua
Para aparte por onde quer que paſſe
O ortelão a Lympha fugitiua.
Mas deſpois que outros rios cria, & paſce
lâ de longe na madre prenhe, & altiua,
Mal o podem mudar para outra parte
Podendo mais que todo engenho, & arte.

Aquelle freſco choupo em quem ſe eſpanta
Verſe Lampecie co as Irmãas mudada
Em quãto he branda, verde, & têra planta
Nem pella ſombra ainda he feſtejada.
Facilmente ſe dobra, & ſe leuanta
Dereita ao ar, atè que a ſombra agrada,
Mas troncos grandes cõ mil noôs, & callos
Querer indereitallos he quabrallos.

E como na primeira, & tenra idade
A tada à crux de Chriſto, & ſuas penas
Logo fugio da vaá ſuauidade
Dos vicios como Vliſſes das Syrenas:
Affeicoa cos annos a vontade
E por doces as julga, & porpequenas,
Auante ſempre que não andou nada
Quem auante não foy neſta jornada.

Qual quando vae cortando a barca leue
A forsa de remeiros a corrente
Surdindo pouco, a pouco, mais se atreue
Nem descansar no meyo se consente.
Se por fraqueza ou caso se deteue
Descair de onda, em onda o leme sente
E com muyto maior pressa, & afronta
Os mares que cortou alcansa, & c nta.

Não enuolue nas agoas cristalinas
O celebrado Ganges co as areas
Tão preciosas pedras, & tão finas
De graças mil & resplandores cheas,
Como de mil virtudes pirigrinas
Em Isabel rebentão nouas veas,
E mais bella co a lux que sempre crece
A charidade entre ellas resplandece.

Como quando despois que a noyte escura
Cobrio co gracioso manto a terra
Querendo o Ceo mostrar a fermosura
Das estrellas que o dia lhe desterra.
Estão firindo nagoa clara, & pura
Do Tejo que sereno ao Ceo faz guerra
E entre todas Hespero exercita
Mor lux no Ceo, & nagoa que o imita.

Não

Não passaua momento muy pequeno
Que no Ceo não pregasse algũa seta,
Seta chea de amor, não de veneno
Que por erua leuaua alma secreta.
Seta não qual lansou ao arsereno
Que de cor se cobrio escura, & preta
O já desesperado Tuliano
Não fazendo no Ceo mas em sidano.

Mas seta de hum suspiro tenro, & brando
E de hũa saudade da outra vida
E de hum queixume desta, que chorando
Se passa, de mil agoas combatida.
As vezes no secreto dalma estando
Sò com seu Christo morto recolhida
Os olhos nelle se ochorar a deixa
A elle soò, com elle assi sequeixa.

Quem me tem doce amor tão apartada
De vos cà nesta vida em larga ausencia
Ay quem pudera verse libertada
Deste carcer cruel, & sem clemencia.
Não vedes que quem he de amor chagada
Estando ausente perde a pasciencia
Se me quereis prouar de inuencão noua
Ab' não façais em mi tão dura proua.

Passaime pello fio da mor pena
E do maior tormento, que hà naterra
Que toda pena, & dor serâ pequena
Sem esta que de vos cà me desterra.
Inda que mal que vossa mão me ordena
Certo he, q̃ me ha de dar mais paz, q̃ guerra,
E mais se hũa dor grande nos afronta
As mais dores faz ter em menos conta.

Mil vezes doce amor tenho sonhado
Que vos estaua vendo em vossa gloria
E me tenho outras tantas enganado
Inda oje me lastima esta memoria.
Ou inda oje me alegra este cuidado
Como despojos de gentil victoria
Mas eu finjo comigo que me vejo
No bem que vij, & engano meu dezejo.

He tal o grande amor, que hum bem que teue
Comsigo contra si tello sustenta,
E sendo fugitiuo, & muyto breue
Por firme, por eterno o representa.
Isto lhe faz o mal que oje tem leue
Engano que por seu remedio inuenta
Mas quem sò com remedio passa a vida
As vezes sem remedio a vè perdida.

Quem

Quem fora tão ditoſa que pudera
A falta de remedio acaburme
Para viuer cõm voſco, então morrera
Se iſto era então a morte aſsi matarme.
Mas ay que minha ſorte he dura, & fera
Que a meſma falta torna ar emediarme
Que ſorte para hum triſte tão contente
Pois remedio do mal em tudo ſente.

Tanta dor amor meu, & magoa tenho
De ver tão bellos olhos Eclypſados,
E eſſes braços neſſe duro lenho
Com pregos desleaes atraueſsados.
Que ſe cá muyto tempo me detenho
Sem os ver lâ no Ceo glorificados
Quiça, que perca a vida ſe perdella
Não fora o maior bem, que eſpero della.

Eſtais meu bem lanſado em dura cama
Meu bem ainda aſsi, & mais agora,
O tenro coração então mais ama
Quando veê laſtimado o bem que adora.
Bem ſoys, mas viuo não, que voſſa chamma
Foy de nome tão doce roubadora
Não foy a morte, não, que naõ podia
Vencer uos ſe o amor naõ lhe acodia.

Mas ay que digo, foſtes meu, viuendo,
Na vida o voſſo amor a mi vos deu,
E como em viuo fogo todo ardendo
Queria a morte que não foſſeis meu.
Morreis por mi, por ſerdes meu morrendo,
Ay de quem não hê voſſo, & ficou ſeu,
Meu no meyo do mar, & meu no porto
Viuo foſtes bem meu, ſois meu bem morto.

Arſa meu coração em voſſo amor
Que mais arder que nunca agora deue
Mas faz que perca o fogo ſeu vigor
A neue fria, elle hè de fria neue.
E mais hè coração de peccador
Que cheyo de peçonha ſempre eſteue
E coração que teue eſte mal triſte
A todo o fogo dizem que reſiſte.

Eſtas difficuldades leues ſaõ
Nenhũa ò Amor meu temor me ponha
Que quãdo o fogo hè grãde oppoẽ ſe em vão
Por mais que a fria neue ſe lhe opponha.
E com ficar illeſo o coração
O rayo ardente do ar mata a peçonha
Perca, perca minha alma o vão receyo
Que mor fogo que o voſſo? & do Ceo veyo.

Aqui se calla, & fica contemplando
Com o ver morto estâ tambem morrendo
Ella rios de lagrimas chorando
Elle rios de sangue està vertendo.
Não falla, porque o sangue està fallando
Quanto pudera estarlhe respondendo,
Nem ella que se em lagrimas se emprega
Lagrimas dizem quanto ador lhe nega.

Nestas contemplações passaua as horas
Que por ligeiras, & appressadas tinha
Nem com mil occasiões perturbadoras
De marido, & de casa se entretinha.
Contra humanas paixões salteadoras
Da quietação dalma se sostinha
E com ella no Ceo com Deos trataua
Inda que ca na terra o corpo estaua.

Os Anjos, que solicito de hũa alma
Deos, para guarda deu à gente humana
Porque facil de nos não leue apalma
Seu condenado Irmão que nos engana.
Assi nos guardão que não fica em calma
O contemplar a vista soberana
Do summo bem que teue por estranho
Por bem nosso fazerlhe mal tamanho.

Por mais què achamma ardente abaixo leue
O ponderoſo corpo d'alua cera
Acima ſempre vae ligeira, & leue
Buſcando ſua natural eſphera.
E juntamente a agoa, & fria neue
Tanto que della o fogo ſe apodera
O meſmo fogo natural imita,
Tal Iſabel co amor ao Ceo ſe excita.

Tocaua em hum sò ponto hũ hora a terra
Qual o Spherico corpo ſobre o plano
Quando do Ceo atras, & a deſterra
De hũa neceſsidade o braço inſano.
Porem a Aguia deçe ao valle, & ſerra
Sô por fugir da ſede, & fome o dano
E eſtas ſatisfeytas, exercita
O voo para os ares onde habita.

O mais do tempo que lhe fica, & reſta
Se tempo, que tambem ſe emprega, fica,
Não o conſume em deleitoſa ſeſta
Nem em prazeres que por vaõs publica.
Não entra taõ contente por floreſta
De flores, & boninas varias rica
Como entra em hoſpitaes de dores cheyos,
Por meyo de ſuſpiros, ſem receyos.

Sàſe

Hâse como Sol claro que em lugares
Immundos fere os rayos reluzentes
Tão puro como quando fere os ares
Ou as agoas dos rios transparentes.
Andando hum dia em meio de pezares
E lagrimas de enfermos, & doentes
Estauase queixando desta sorte
Hum ja longe da vida, & perto á morte.

Quão cruel hè ador quando atormenta
Se as agoas a hũa foz todas ajunta
A mais soberba rocha, & mais isenta
Desfaz, aballa, arromba, & desconjunta.
Mil desuarios traz, & representa
E pella morte indomita pergunta
Por ella chama, & ella mais lhe foje
Mas quiçà que me espere, & responda oje.

Vaese tornando a minha fraca vida
Como no Egypto rosa ou clauelina
Que co vapor do Nilo consumida
Sem algum cheiro languida se inclina.
Co Nilo foy a morte confirida
Cuja cabeça não se determina
E menos esperado entaõ dilata
A madre, o que na morte se retrata.

Naõ

Não quero já prazer que sò consiſte
Na morte meu prazer, & alegria
Vou me fazendo aquella aruore triſte
Que a India Oriental produs, & cria.
A natureza d'aruores reſiſte
E guarda para a noyte a flor do dia
Seca, murcha, ſem gloria ſe amanhece
Freſca, verde, florida ſe a noytece.

Lua fuy, & jaà ſou em Sol mudado
Nem por mudado em Sol melhor ventura
Que a Lua tem ſeu poſto cuſtumado
Nagoa do rio doce & fonte pura.
O Sol ſeu paſto tem no mar ſalgado,
Veui alegre, & entro em amargura
E bem hê que me ſeja o fim azedo
Na morte, pois na vida viui ledo.

A morte tem comſigo a natureza
de hũa fonte do mundo celebrada
Na qual ſe metem hũa facha aceza.
Como hè cuſtume a tirão apagada.
E ſe apagada vae, noua eſtranheza,
Torna logo á ſair afogueada,
Quem com pezares entra em ſuas agoas
Prazeres tira, com prazeres magoas.

He minha ſorte muyto differente
Da que teue o tyranno Dionicyo
A quem no porto o mar em continente
Mudou em doce o natural officio.
E como annuncio foy muy euidente
De cair do real alto exercicio
permita o Ceo que ſeja minha ſorte
Para ſubir, & não cair na morte.

Ay morte, & como vens teu paſſo apaſſo
Entrando que eu te vejo, & te conheço
Detẽte morte por pequeno eſpaço
Que logo liure o campo te offereço.
Dame tempo que entenda o mal que paſſo
Ser pouco, para o muyto que mereço
E para que com lagrimas alcanſe
Perdão de culpas, & meu Deos amanſe.

Mas ay que vejo a hum, & outro rio
Secos co ador, & aſpero tormento
Sinal que vem entrando o ardente eſtio
E que o verão eſtá em paſſamento.
Mas por mais que ſe ſeque a vea, & fio
Do chorar, não ſe ſeca o ſentimento
E o dezejo de chorar, aceyto
Auezes mais de Deos que o meſmo effeyto.

Para

Para aqui Virgem pura o bello rosto
Voluei, que hum triste volo roga, & pede,
A dor em tal estremo me tem posto
Que já por todo sofrimento excede.
Estou no fim, não quero errar o posto
Que mil vezes a mil sem vos succede,
Sede Sibyla a este que desmaya
De lugar tão escuro à saluo Saya.

Enuoltas de contino em hum suspiro
Estas lagrimas tristes vos presento
Que deste coração cansado tiro
Com a forsa cruel de meu tormento.
Estes hais com que os ares corto, & firo
Não os leue senhora o leue vento,
Que vos o templo scys no qual Athenas
Offerecia lagrimas, & penas.

Aqui lhe corta o fio dos queixumes
Isabel, porque já nalma os sentia
Tendo em final os dous fermosos lumes
Arrasados em agoa que vertia.
Coytada porque choras, & consumes
Isso que tens de vida, lhe dizia,
Alegrate que Deos está comtigo
Quando cuidas que o tens por inimigo.

A iste

A iſto os olhos leua o triſte ao alto
E logo os recolheo com muyta preſſa
Como quando no tempo de lux falto
O relampago faz que a viſta eſqueça.
E com eſte ditoſo ſobre ſalto
Mil chagas moſtra, & quanto mal padeça,
Ella como ſe forão roſas bellas
Aſsi ſe vae, & arremeça a ellas.

Com brando toque as viuas chagas trata
E como ſuas as reçebe, & ſente,
Co liquido criſtal, & fria prata
Lhas vae lauando de alto brandamente.
Deſpois chum aluo lenço alimpa, & mata
As reliquias de mal tão peſtilente,
Sem aſco, & nojo, que ſe tem o tento
Nellas, a outros voa openſamento.

E como ella contente nunca ſeja
Co pouco, que os exceſſos niſto eſtima,
Mil vezes lhas abraça, & mil lhas beija
E co tepido alento lhas anima.
E achando occaſião que achar dezeja
Deſta ſorte o eſforſa, & o anima,
Que a conſideração que ſe auiuenta
Commumente em palauras arrebenta.

Chagas que me fazeis viua lembrança
Das bellas chagas de meu doce amado
Donde me naſce certa confiança
De ſe curar meu coração chagado.
Prezai agrande gloria que ſe alcanſa
Neſſe pouco que tentes laſtimado
Pois hum pouco tormento, & dor pequena
Contentamento eterno vos ordena.

Não ponhais vos os olhos no mal graue
Que padeceis, no troco delle os ponde
Que tudo o laurador acha ſuaue
Co premio com que o campo lhe reſponde.
Por mais q̃ obrauo mar leuante, & agraue
As altas ondas onde a barca eſconde
Atempeſtade julga por bonança
Do dezejado porto a eſperança.

Aquelle que Deos ama, eſſe caſtiga,
E com maior amor então ſe açende
Ou porque veè que deſta ſorte obriga
Que torne ſobre ſi, & auida emmende.
Ou chũa leue dor, & vaà fadiga
Iſentallo de mil dores pretende
Que elle nos tem deixado por memorias
Nem dous infernos dar, nem duas glorias.

Leuanos Deos os gostos muytas vezes,
Quãdo mais lhes queremos, & os amamos,
E com elles nos tarda annos, & mezes
Para ver se outrauês nelle os buscamos.
Mas nos com estes dannos, & reuezes
Mais lhe fugimos, mais nos arufamos,
Elle cos bens de longe nos acena
Por nos leuar à mão tudo isto ordena.

Quer que sejamos como na espessura
Co Mauro caçador a Tigre fera
Os filhos lhe roubou da coua escura
E vae fugindo a Nao que perto espera.
Ella que fora delles pouco dura
Achando a cama sò logo se altera
Corre, segue, entra, mar, & ondas despreza
E a vezes cos filhos fica preza.

Està na mesa o mestre delicado
Para cortar a tela ou seda fina
Olhando para hũ lado, & outro lado
Não achando a thesoura se amofina.
Bate rijo na mesa obraço irado
Para que onde estiuer responda, & tina,
Assi he Deos no corpo dâ apancada
Para que alma suspire lastimada.

Aconteceò vos jà star des chamando
Alguem que vos não falla, & se retira
Is por detras, & daislhe rijo, ou brando
Culpandoo porque nunca vos ouuira.
Elle com sobre salto ladeando
O corpo, para vos os olhos vira,
Chamanos Deos, & nunca lhe acudimos
A tê que sobre nos sua mão sentimos.

Veè arrufado abranda Mãy, ou ama
O minino amor seu, & seu bem certo
Hũ feo negro por remedio chama
E dizlhe que se chegue a elle perto.
O minino com medo chora, & clama,
Para quem fugirá em tanto aperto
Fugindo vae para os abertos braços
Da doce May, que nunca achou escassos

Podeis seguro andar, que bom escudo
Leuais na marca desse bem tamanho
Que vos pòs Christo, qual pastor sesudo
Custuma por â todo seu rebanho.
Que se Caym temia morte em tudo
Foy porque era jà feyto gado estranho,
E gado, que de tal pastor se parte,
Com razão teme lobo em toda aparte.

Aqui nouos espiritus recebe
O desmayado enfermo, & nouo alento
E nalma hũ grande amor de Deos concebe
Que este era de Isabel primeiro intento.
Como christão à morte se apercebe
Tendo em pouco seu aspero tormento
Mas quando por sinaes da morte espera,
Sò veê sinaes das chagas que teuera.

CANTO QVINTO.

DE muytos o deſerto, & ſoydade
Para mor ſegurança foy ſiguida
Que alli ſe augmenta mais a ſaudade
Co a magoa do deſterro, da outra vida.
Razão ſobeja tem para que agrade
Poys não ſe acha ally couſa que lhe impida,
Tratar com Deos, & cegos para tudo
A mente empregão neſte ſanto eſtudo

Tè da lux fogem do ſereno dia
Metidos nhũa eſcura, & fria lapa,
Qual as Aues gentis de altenaria
A quem ocaçador os olhos tapa.
Porem quem neſte trafego ſe cria
Ceuando os olhos em tão largo Mapa
E conuerſa no Ceo com a lembrança
Sey que ſabe Iſabel que gloria alcança.

Ainda que no cume do mais alto
Estiuesse Isabel posta, & sentada
Tambem là do desgosto, & sobresalto
Que leues pennas tem, foy perturbada.
Não hâ lugar no mundo aonde assalto
Não dè o pezar, & tenha nelle entrada,
Que hũ soò Olympo se acha onde nã chegão
Ventos, nem nuues, tudo o mais carregão.

Cem mil desgostos, & descontos teue
Com Dinis, que lhe rompe a fè diuida
Que em passatempos de mancebo leue
Que não conuem a hũ Rey, emprega a vida.
Hũ doce, amargo fugitiuo, & breue
De fermosas Syrenas o conuida
E da propria consorte assi se esquece
Que ja quasi a desama, & aborreçe.

Mas ella quanto mais fraco lhe sente
O amor, com mor fogo por elle arde
Que quando he verdadeiro não consente
Que inda que lho não tenhão, se resguarde.
Antes hè como sombra do Occidente
Que crece quanto o Sol vae mais na tarde,
Regra daquellas onde amor chũ noò
Fez de dous corações, que fosse hũ soò.

Como seus filhos proprios lhe criaua
Filhos alheyos, que elle lhe deuia
E com tanta brandura lhos trataua
Que elle se ennergonhaua, & confundia.
Com isto dentro em si de modo entraua
Que deu de mão à quanto antes siguia,
Que hũ exemplo como este pode tanto
Que faz nhũ coração rebelde espanto.

Mas ainda que certo da virtude
Da consorte, que o Ceo pintou de siso
Hũa sospeita mal fundada, & rude
Concebe em sua quebra, & perjuizo.
E para que jàmais della se mude
Não faltou hũ peruerso, & vão juizo
Que com odio danado, & triste enueja
Lhe faça crer que verdadeira seja.

Porem o Ceo que sempre atras diante
E nella se reuè como em espelho,
Não consentio ficasse triumphante
Tão danada sospeyta, & tal concelho.
Como quando no Sul tormenta instante
Prognostica de nuues o aparelho
E já quando dos ares ameaça
Sopre hũ norte sereno que adesfaça.

Quem não ouuio daquelle forno ardente
Onde este falso concelheiro seарde
Que passar sem castigo não consente
A culpa Deos, por mais que hũ tempo tarde.
E por mais que se esqueça do innocente
Não se esquece de sorte, que o não guarde,
Vede as bolas trocadas neste jogo
O Rey confuso, hũ liure, outro no fogo.

O seu Thesouro tem por mais seguro
Isabel, onde viue co a memoria
Que lhe serue de firme, & forte muro
Para alcansar nos Ceos doce victoria.
Dâ na terra com zello santo, & puro
Thesouros, que despois acha na gloria,
Assi na terra alcansa o corpo apalma,
Que nos Ceos alcansou a ditosa alma.

Da mão esquerda, a mão dereyta encobres
Que tão honesto, & tão santo excercicio
A Deos sò que te cobre, lho descobres
Tornando seu officio, por officio.
Entregas o que tens na mão dos pobres
Que te fazem no Ceo rico edificio,
A onde viuiras leda, & contente
Sem pezares, & nojo eternamente.

E porque a charidade está conjunta
Com outra que nos Ceos lhe corresponde
Hũ dia quando mais dinheiro ajunta
Que na baleua, & do marido esconde.
Encontra el Rey com ella, & lhe pergunta
Rainha que leuais, & ella responde
Com as faces coradas, & fermosas
Para fazer grinaldas leuo rosas.

Bem dizes Isabel, co as rosas bellas
Que leuas encubertas nessas fraldas
Tè estão Anjos tessendo outras capellas
De perolas rubis, & de esmeraldas.
Mas que digo de pedras? pois de estrellas
De summa gloria saõ essas grinaldas
Que te tecem nos Ceos os Anjos bellos
Para porẽ sobre esses teus cabellos.

Com a vista de el Rey se sobresalta
Mas tendo em Deos a confiança posta
Que nunca a quem o segue em nada falta
Deu por elle guiada esta resposta.
De cor de rosas a cor propria esmalta
Donde na prata foy a cor trasposta
Com a boca mudou a prata em rosas
Outras deixando nella mais fermosas.

Não foy tão prestes conuertida em louro
Abella Daphne com suas viuas cores
Nem tão prestes Narcisso branco, & louro
Em flor o conuertera̅ seus amores.
Quam prestes Isabel a prata, & ouro
Com dizer flores, são conuerte em flores,
Que tudo hũa virtude santa pode
Quando Deos cõ diuino braço acode.

Quantas vezes ardendo fogo viuo
De cobiça no filho inobediente
Que com animo fero mais que altiuo
Reynar o Pay não sofre nem consente.
Indo laurãdo mal tão excessiuo
Quando remedio já nenbũ se sente
Isabel compõem tudo, & tudo assenta
E mete paz em guerra tão isenta.

Qual quando acelebrada grande Ilena
Principio do segundo bem que temos
Vendo o triste naufragio que lhe ordena
Thetis com tal furor qual nunca lemos.
Lansando hũ crauo â torna tão serena
Que pudera passalla à leues remos
Soube fingirse o mar brauo, & estranho
Para ganhar hũ preço, & bem tamanho.

Iunto da triſte, & miſera corrente
De Cocyto inameno eſtaua hũ hora,
Theſiphone cruel, que muyto ſente
Não reuoluer o mundo, & quaſi chora.
Que a ſede natural da humana gente
Que nella ſequioſa ſempre mora
Nã› permite, que hũ sò momento eſteja
Sem a fartar nas fontes que dezeja.

Eis quando mais que o rayo q uando cae
Mais que errantes eſtrellas apreſſada
Das mal afortunadas ripas ſae
Para qualquer empreza aparelhada.
Não há das ſombras vaãs quem não deſmae
E tema a viſta da ſenhora irada,
Que por campos de gente viua, & morta
Chega ao limite da Tartarea porta.

Ha hũ lugar que Tenero pregoa
A gente Inachia, aonde ſe leuanta
Co a temida cabeça, & o ar atroa
Malca ſpumoſa quando ſe quebranta.
Eſtà o altiuo cume, onde não ſoa
Sopro de vento, nem trouão eſpanta,
Nem o voo da mais ligeira penna
Em aruore deſcanſa, ou ninho ordena.

O meyo tem as nuues, tem os ventos,
Nenoa, chuua, troão, rayo, Coriſco,
Por aqui vaõ ao carcer de tormentos
As alas apagar ao duro fiſco
As diuidas de ſeus contentamentos
Que enfim haõ de paſſar por tanto riſco,
Por aqui ſae a furia embraueſcida
Ameaçando morte â toda a vida.

Sentio a o dia, & logo a noyte eſcura
O cobrio com eſpeſſo, & negro manto,
Temeò la longe o Athlas, & procura
Suſtentarſe, que inclina o Ceo co eſpanto.
E ſubindoſe alli na mor altura
Vendo o mundo, contentalhe eſte canto
de Portugal para aqui logo voa
Amedrentando a terra, & o ar atroa.

Chegando à noſſo clima, & Oriſonte
Hũ taõ medonho, & fero grito larga
Que ſe aballou da eſtrella o alto monte
E todo ſe inclinou para hũa ilharga.
Mas o da Lua que tomou defronte
Co mar partio, da mais peſada carga,
Das bellas Nymphas teme a turba toda
Que anda pello criſtal danſando em roda.

Eis

Eis logo hũ furioso mouimento
Entra, o peyto de Afonso perturbando,
Tras delle a triste enueja em siguimento,
Em siguimento della, o amor demando,
Amor demando de ley toda isento
E que dereito quebra como, & quando
Iulga melhor cortando como injusto
Por firmes alianças de amor justo.

Qual o Hebreo mancebo lindo, & bello
Para seu mal que contra o Pay conjura
E da gloria de seu louro cabello
O Ceo no meyo do ar o dependura.
Onde por marauilha quiz prendello
Para ser de Ioab triste a ventura
E por mais que oresguarda do pirigo
O brando Pay, de Deos teue o castigo.

Determinando emfim sua maldade
Com caricias, & afagos gente ajunta
Resiste o Pay mas não se persuade
Possa ser, & mil vezes ò pergunta.
Mas rota jà de todo a lealdade
A vergonha de todo jà defunta
Em tanto apreto poem o Reyno triste
Que ja seu bem no maior mal consiste.

Tal

Tal como quando o laurador pretende
Meter no jugo o touro brauo, & cego
Co velho boy que manso o collo rende
E do trabalho faz alegre em prego.
Elle indignando o pezo, o outro offende
Leua o jugo tras si confunde o rego
E neste desusado, & nouo aperto
Estâ suspenso o laurador incerto.

Estão os esquadrões de fronte, a fronte,
E longe cada qual o temor bota
E jà se vee pello ar de outro Orisonte
De Abuytres feros sanguinosa frota.
Que ora assombrando o valle, agora o monte
Espera pella misera, & triste rota
Sente Isabel, & quam depressa pode
A tamanho desastre logo acode.

Chegando ao duro campo que cuberto
De armada gente estaua em proprio dano
Não crendo tanto o mal que vio de perto
Caio no verdadeiro desengano.
Estende por aquelle desconcerto
Os olhos tristes, & do peyto humano
Estas palauras lastimosas solta,
Com voz em brandas lagrimas emuolta.

Hê po-

Hê possiuel, que veja o mal que vejo
A isto me trouxestes dias tristes
Não me leuareis nhũ melhor ensejo,
Quando algũ hora alegre me sentistes.
Olhay em que parou hũ vão dezejo
Vos outras, que tambem filhos paristes,
Dezejei filhos, filho do Ceo tiue
Que para minha pena, & magoa viue.

Quê isto Portugal que determinas,
Contra tuas entranhas te embraueces?
Quinas de Portugal, contra outras quinas
A ti proprio desamas, & aborreçes?
Não te moue teu sangue: não te inclinas
A tua piedade, em sede creces
De tua desestrada propria morte,
Contra ti mesmo te assinallas forte?

Que faras triste filho, se te achares
Co Pay diante do sanguino braço,
E tu Pay, se co filho te encontrares
Que faras nesse lastimoso passo?
Firir, crueza, & quando atras tornares
Couardia, confuso então te faço,
Mas ay temo crueza nunca vsada
Que atras não torna mais a nua espada.

Que

Que dirão quando virem que por nada
Por hũ pedaço de pequena terra
Que por morte ha de ser em fim herdada,
Amor, & obediencia se desterra.
Que seria se fosse demandada
A parte que o Sol vê quando se encerra
No largo mar, & quando do Oriente
Mostra a dourada face á Occidente.

E aquella tambem que longe toca
Com rayo obliquo ou agelada, & fria
Co norte, ou a mais quente com aboca
Do Sul, ou quanto enfim conhece o dia.
Se a tanto isto tão pouco vos prouoca
Quam differente então tudo seria,
Mas ay que digo, se co a mesma sede
Hũ sò ponto da terra oje se pede.

O terra aqui te chamo, & te saudo
Pondo os olhos em tão mortaes estremos
Quero louuarte, ca terra May de tudo,
Quanto abaixo do Ceo criado vemos.
O animal mais nobre, & mais sesudo
Que por senhor de tudo em tudo temos
De ti se fez, como ficou memoria
De teu principio veo à tanta gloria.

Em ti como em deposito tem posto
Os homens que tanto ama o Deos benino,
Para que assi mereção ver seu rosto
E subillos ao reyno cristalino.
Em ti podem ganhar eterno gosto
Podem tambem perdello de contino,
E para no Ceo terem doce vida
Hê necessario ser em ti perdida.

Pois de que graças, de que glorias nobres
De que lindos esmaltes de que cores
Que comparados saõ baixos, & pobres
Os arreos gentis dos Reys maiorres.
De que riquezas mil te ornas, & cobres
Para prazeres de huns, & de outros dores
Quã segura que estàs em proprio assento
Andando sempre os Ceos em mouimento.

De verde esmalte, & naturaes boninas
Vestida no verão nos appareces
Em mil rios, & fontes cristalinas
Toda te vas, & toda desfalleces.
De mil prezadas, & preciosas minas
De ouro, & de prata fina te enriqueces
De mil suaues fruytas pomos bellos
Que aueitos folga o gosto, & os olhos vellos.

Quam

Quam fermoſa, & agradauel que appareces
Quando o Sol na manhaã co alux te doura
Moſtrando ao laurador as louras meſſes
Soberbo dom, de Ceres branca, & loura.
Por ſeu trabalho o dobro lhe offereces
Muyto pouco te deu, muyto atheſoura
E porque a gratidão que tem lhe creas
A ſeus boys faz capellas das paueas.

E para que com tudo ſatisfaças
E atè nas ſiluas preſtes, & montanhas
Quantos animaes crias, quantas caças
De varios goſtos deſeições eſtranhas.
Para que a fortes exercicio faças
Leões, & Tigres, d'aſperas montanhas
E para que tambem aos mais agrades
De prato, & meſa tantas variedades.

Em tudo liberal em tudo larga
Que sò de larga, & liberal te prezas,
Triſte do que inuentou carga, por carga
Que vilezas cauſou, & que pobrezas.
Que peſada lembranca, & quam amarga
D'aquella idade em que as comuns riquezas
Partião entre todos igualdade
Bem gouernada, & mal lograda idade.

Não foy a culpa tua santa terra
Que tudo produziſtes ſem tributo
Mas hũa vaã cobiça, que ſempre erra
Foy cauſa de hũ gouerno infame, & bruto.
Hũ vão dezejo que a razão deſterra
Pos valia, & balança no teu fruto,
Fez que ſiruiſſem huns, outros mandaſſem
Huns foſſem Deoſes, outros adoraſſem.

Porque não te abres, & ſouertes terra
A quem tyranniſarte aſsi procura,
Igualle o valle co a ſubida ſerra
E ſe eu ſou, em mi caya a ſorte dura.
Iá nenhũ eſquadrão ſe fecha, & cerra
Nem d'armas nem de eſpada ou lanſa cura,
Soltão os elmos, largão as viſciras.
De obediencia moſtras verdadeiras.

Todos a ſeguem, todos reconheçem
Seus concelhos de mais ſeguro acerto
Huns o caſtigo pedem que mereçem,
Outros deſculpa daõ do deſconcerto.
Mas ella quando vio que todos creçem
A recebella fora jà de aperto
Aonde acharei, clama, o inimigo
Que parj meu, & como á filho ſigo.

Elle que perto andaua, ouuindo o brado
Da May, assi se altera, & sobresalta,
Qual Curiolano quãdo em campo armado
A propria patria por vingança assalta.
E resistindo â tudo o peyto irado
Contra rogos da May forsa lhe falta.
E quem não abriria à quella o peyto
Que à minino lhe pòs na boca o peyto.

Humildade perdão pede da ousadia
Dando de melhor filho segurança,
Ella lhò dà que nelle se confia
E do agrauado Pay tambem lho alcansa.
A todos foy alegre aquelle dia
E muyto mais alegre aesperança
De outros melhores dias, que o presente,
Que hũ feliz dia não vem so contente.

Quem teuera odescanso, que pretende
Encontro da cruel fortuna ingrata
Cantara mil milagres, que defende,
O mundo reconhece, louua, & trata.
Mas quem na vida, & seu remedio entende
Nãocompra ao tempo hũ hora tão barata,
Que se possa alargar mais do que pede
Obrigação fatal de fome, & sede.

Perdoaime Isabel, que meu dezejo
Eraleuar ao largo vossa vida
Mas pois com fraco vento abarca rejo
Não sairei da barra conhecida.
Largo caminho a o mar alcanso E vejo
Com prospera bonanca me conuida,
Mas pois o tempo he curto, nem modestes
Daimo senhora vos, que eu estou prestes.

Não vos peço riquezas, nem bonanca,
De Midas, do Romano Crasso, ou Creso
Mas hũa mediania que se alòansa
Facilmente, que não pretendo excesso.
Quando não, hũ repouso, & segurança
De estado de qualquer pequeno preço,
Porque não hà estado mais pezado
Que viuer hũ incerto sem estado.

CANTO SEXTO.

A Morte, q̃ apòs nòs ligeira corre,
A cujas ondas q̃bra todo o leme,
A cujo vẽto a mais ſoberba torre
Se aballa, abre, arruina, inclina,
& treme.
Sò pello incerto fim pezada ocorre
Mas ſe do incerto ſim pouco ſe teme,
Quem na vida entra, & logo a vè perdida
Tal hè, quem ſae qual entrou na vida.

Antes he de mor gloria eſte ſegundo,
Que morrer quando naſce foy ventura,
Mas qual naſceo deixar a vida, & mundo,
Hè braço forte, que vencer procura.
E ſe a razão não valem que me fundo,
Vede quanto Iſabel pode ir ſegura,
Pois naquella innocencia pura, & bella
Que entrou na vida, ſe deſpede della.

Cantei a vida, & canto a morte agora,
Neste pequeno tempo, que me occorre,
Auendo de choralla se outra fora,
Mas sua morte apar co a vida corre.
Que se bê a vida qual o mundo adora,
E a cuja memoria se socorre,
Qual serâ a morte, que de nos a esconde,
Pois com a vida sempre corresponde.

O arco que destorsa, & rende tudo,
Em estremos armado tinha amorte
E a seta cruel de fio agudo,
Era hũa infermidade dura, & forte.
Hũ dia o desarmou, & sem escudo
A Isabel achou o fino corte,
Cae passada de mortal ferida,
Para por ella ter immortal vida.

Aqui prouou amorte seus intentos,
E o inferno sua vaà potencia,
Vendo, se com as dores, & tormentos
A podião leuar de impasciencia.
Mas ella, que sentio cometimentos
Tão graues, esforsou a resistencia,
Onde o inferno quebrou abraua furia,
Sentindo o danno, & redobrada injuria.

Fronteyra ao ceruleo mar horrendo
A triumphante rocha se leuanta
Onde as ondas furiosas vão batendo
Cõestrondo, que o Ceo, & oar se espanta.
Mas ellas em escuma disfazendo
Se vão, que apropria força se quebranta
Cuidando desfazer a rocha viua,
Que à seu brauo furor resiste altiua.

Como bonanças, & prosperidades
Lhe não fezerã mais alegre o rosto
Nem de males cerradas tempestades
Lhe puderã causar leue desgosto.
Não chegauão a ella aduersidades
Que em mais alto lugar se tinhá posto
Andasse a roda leue, & desandasse
Sempre nhũ ser, & de hũa mesma face.

Por mais velòs, & curso arrebatado
Que inda passa oligeiro pensamento
Que leue o Ceo de estrellas variado
Que variando vae co mouimento.
Do primeiro lugar, & firme estado
Nunca mudou ja mais o certo assento,
Esse immudauel norte, para guia
Dos que o mar rompem sem a luz dodia.

Vinde males dizia, que estou prestes
Bem vedes quam benigna vos recolho
Vinde males, que pois nunca pudestes
Acouardarme o campo não vos tolho.
De pouco vigor são, meu senhor estes
Pois me lembra q̃ em vosso sangue os molho
Com esta pasciencia os rebatia
Que todo o encontro graue ella desuia.

Quando o mar no alto pelago se empolla
Por mais que do profundo abismo saya
Sò brama quando as ondas desenrrolla
Em braua costa, ou tempestuosa praya.
O fero Austro, que tudo arraza, & assolla
Se não dà por carualho, Cedro ou faya,
Humilde falla, & menos se responde
E quasi seu furor pello ar esconde.

Executa sua ira deshumana
O mesmo vento em qualquer tronco grande
Do qual triumpha a leue humilde cana,
Que com elle se vae inclina, & brande.
Tal no meyo do arroyo a espedana
Por reuolta que em suas agoas ande
Dobrase, & não se quebra na corrente
E maior forsa na fraqueza sente.

E vendo que da vida a vltima hora
Se lhe a vizinha mais cada momento,
E que doutra cor pallida se cora
Perdendo pouco, a pouco o fraco alento.
Das lembranças do mundo longe, & fora
Fora de todo humano pensamento,
Nestas palauras rompe soltas d'alma
Que começa adeixar o corpo em calma.

Là se quebra senhor o fraco fio
Da vida, que tègora me emprestastes
Secãose as agoas deste claro rio
Que là de vossa fonte deriuastes.
Em vos cõ tudo espero, em vos confio
Lhe deis outra melhor pois ma leuastes
Que da condicão vossa he certo fruyto
Tomardes pouco para dardes muyto.

Viui, & acabei esta jornada
Contente vou, não fujo nem resisto
Fuy Rainha, de filhos May chamada
Molher de hũ Rey tão alto, & tão bẽ quisto.
Mas sedo me verei em poò tornada
Triste se me não tenho d'antes visto
Que quem morta quer ser Rainha altiua
Hà se de ter por poò, & nada em viua.

Sentença foy heroica, & subida
D'algum entendimento illustre, & alto
Que assi como para esta triste vida,
O ventre nos prepara estreyto, & falto:
Assim esta despoys de possuida
Para a vida sem dor sem sobresalto
E todo o nascimento da crianca
Hê da morte retrato, & semelhança.

Os envoltorios vijs despe nascendo
Com que no ventre andou sempre cuberta
E nua sem abrigo apparescendo
Cae de todo obem, & mal incerta.
Desta maneira o homem vae morrendo,
Para a cova morada amiga, & certa,
Ay miseria mortal não conhecida
Não sei porque se estima tanto a vida.

Nasce o homem ao tempo limitado
Que a Natureza assenta, & lhe assigura,
Porem com mil perigos tão cansado
Que a May de hũ leue fio dependura.
Despois de malogrado ou bem logrado
Que ninguem nesta vida muyto dura
Por tantas dores possa quando morre
Que periga se Deos lhe não socorre.

Como as feições gentis, forma, estatura,
Disposição do corpo, & força pende
Da quella formação, & composstura
Que no ventre se faz, & se comprende.
Assim a condição, & fermosura
Da vida, dalma quando o corpo a rende
Lâ no mundo immortal seguro, & eterno
Pende das obras deste, & seu gouerno.

Qual teue nesta vida a natureza
Tal o animo be là em outro estado,
Vil, baixo, miserauel se em torpeza.
E de leites carnaes contaminado.
Felis, alto, excellente, de nobreza
Immensa, generoso, aleuantado
Se em virtudes, & santos mouimentos
Occupou as accoēs, & pensamentos.

E como vè mil cousas differentes
Quando de si ao mundo o ventre o lansa
A lux do Sol cos rayos transparentes
Que enchê de fermosura quanto alcansa.
Assi como dos membros descontentes
Alma voou ao Ceo sua esperança
Que marauilhas vè de gloria tanta
Se espanto cabe então como se espanta.

Alegrate

Alegrate ſublime entendimento
De noſſa alma mais nobre, & alta potencia
Que muy cedo teras conhecimento
Mais claro, & puro da diuina eſſencia.
Verdade hê, que no vil, & terre aſſento
Tinhas em algum modo eſta ſciencia
Mas era por eſpelho, & por inuma
Roſto, a roſto, veras a Deos em ſima.

O'homem ſe ſouberas conhecerte
Quom quanta differença, te eſtimaras
E como recearas de perderte
E ganharte de ſiſo procuraras.
Quem pode teu juizo eſcurecerte
Que aſsi te deixas, & te deſamparas
E tão cego caminhas ſem gouerno
Como bruto animal, ao fogo eterno.

De quantas criaturas tem formado
Corporeas adiuina ſapiencia
Nenhũa como o homem no criado
Ornou de tanta graça, & excellencia.
Porque elle sò conhece ſeu eſtado
E á nenhũa deu eſta ſciencia
Os animaes da terra dominando
E os do mar, por elle manſo, & brando.

Incorr-

Incorruptiuel hè o Ceo, de nobre
Materia feyto, cor fermoſa & bella,
Mas por mais que eſtà graça ſe deſcobre
A todo mundo elle não ſabe della.
O Sol de ſua gloria, he falto, & pobre
Pois dando reſplandor à toda eſtrella,
E ſendo Rey de todos os Planetas
Eſtas graças a elle ſaõ ſecretas.

O homem sò conheçe o ſer, que goſa
Mas ay, que muytos obrão differente,
Eu mil vezes felis, & mil ditoſa
Se de meu nobre ſer não viui auſente.
Porem voſſa paixão miſterioſa
Peço meu bom ſenhor tenhais preſente,
E lembrouos o muyto que fezeſtes
Por mi, pois nhũa crux por mi morreſtes.

E chegaſtes tomar por refrigerio
E alliuio de amor, morte tão crua,
Que nunca deſcanſou neſte miſterio
Tê não ver voſſa carne rota, & nua.
Aqui deixou co a vida eſte hemiſperio
Para que outra melhor no Ceo poſſua,
Ficando com a morte acor perdida
Qual roſa co mao Sol murcha, & caida.

De tres

De tres estados foy retrato nobre,
De verdes annos santa de minina,
Do matrimonio a onde se descobre
Não se achar nas virtudes pirigrina.
Não foy como o Iordão, que no salobre
Lago, perde seu doçe em Palestina,
Mas foy como outro rio cujo nome
Entra viuo no mar, que todos come.

Nella espelho tem claro, & cristalino
As que em clausura amor diuino enserra,
Que entregandose toda ao amor diuino
Despois que dom Dinis o amor enterra.
Troca em saco, & cilicio o traje fino
E o cabello corta, & lansa em terra,
Felis perde Sansão a força, & Niso
O reyno, & ella ganha o paraiso.

Em Coimbra Cidade de alto assento
Que de Athenas roubou a gloria, & fama
Nhũ lugar â que deu o fundamento
E que de Clara se intitula, & clama.
De mil graças do Ceo nobre aposento
Onde tambem o Mundo mil derrama,
Iaz sepultado o corpo bello, & puro
Tras procelloso mar porto seguro.

A fer-

A fermoſa alma ainda que lhe agrade
A caſa onde viueo tão pura, & bella
Voando vae ao Ceo com ſaudade
Se ſaudade então póde ter della.
Com muſica de eſtranha ſuauidade
Piſando hũ Ceo, & outro hũa, outra eſtrella
Eſtá gozando aquella ſumma gloria
Onde oje de ſeu Reyno tem memoria.

Sorte felis, de todos dezejada
E que â muytos por alto paſſa, & erra
Rainha cá no mundo foy chamada
Nem o Ceo eſte nome lhe deſterra.
Qual Iris de mil cores variada,
Que tras hũ pê no mar, outro na terra
Ou qual do Simulacro a imagem bella
Que tẽ nhũa mão roſſa, & outra eſtrella.

Pintauão eſſe moço fero, & brando
Que com ſer cego nunca tiro perde,
Como do mar & terra triumphando
Na mão hũ pexe, & noutra hũ ramo verde.
Quem ouue de mor ceptro, & largo mando
Que em duas vidas, duas glorias herde?
Com Dinis Portugal, com Deos os Ceos
Herda Iſabel, cos Ceos o meſmo Deos.

Tu foſte

Tu foste como aquella Axa formosa
Comparacão muy propria, & opportuna
Que ainda descontente do que gosa
Dezejando do Pay melhor fortuna.
Com lagrimas rega hũa, & outra rosa,
E cõ brandos queixumes o importuna,
O Pay della se doe, & se lastima
Dalhe o campo de baixo & o de cima,

O Cidade famosa sobre quantas
O mundo exalta, & Phaetonte doura
Sobre todas soberba teleuantas
Co alto penhor quedentro se athesoura.
Com tua gloria o largo mundo espantas
Nem jà mais temas que esta gloria moura,
Que ficara teu nome, & fama eterna
A mal grado do tempo que agouerna.

Teue Troya por firme, & verdadeiro
Para que algum conceyto nouo aponte,
Tanto estaria o grande imperio inteiro
A pezar do furor que vèe de fronte.
Quanto estiuesse erguido, & sobranceiro
O Sepulcro real de Laomedonte
Cae o Sepulcro altiuo, & aquella gloria
Da bella Troya, em misera memoria.

Aquelle vello de ouro donde crece
O nome ao Pōto, q̄ Helle, & Phrixo talha,
Quando o temor do mar, que se embrauece
A faz cair por mais que o Irmão trabalha.
Em quanto a illustre Colchos enriquece,
Esta soberba, & fama ao mundo espalha,
Roubase, & cae o Ceptro com que arrea
A mão, o Pay da magica Medea.

Aquella Aue, que os olhos no Sol fita
Nem se abate cos rayos por mais que olhe,
E nelle os proprios filhos exercita
E julga adulterino, o que os recolhe.
Quando o tempo jâ certo ao parto à incita,
Para o plumoso berço, a pedra escolhe
Que sobre lhe abrandar do parto as dores,
Lhe assigura de rayos seus penhores.

Não recees Coimbra ira de sima
Nem faças conta da ira vaã da terra,
Que pois viua Isabel tanta se estima
Que seu diuino corpo em ti se encerra.
Não sofrerâ, q̄ a terra, & Ceo te opprima
Por mais que ambos te facão dura guerra,
Porque â da terra chũ aceno acode,
E na guerra do Ceo chũ rogo pode.

Se Sostris Rey do Egypto por lembrança
De hũa filha, que a morte lhe roubara
E por mostras do amor que inda o descansa
Quando de pois de morta lho declara.
Hũ sepulcro leuanta, & segurança
Por titulo lhe poem, que tudo ampara
Crimes que alli se acolhem no pirigo
Isentos são de pena, & de castigo.

Quanta mòr seguranca nos promete
Este Sepulcro de misterios cheyo,
Onde Deos, este bello corpo mete
Para ser de bens nossos certo meyo.
Todo o mal seu furor aqui somete
Não foy desconsolado o que aqui veyo.
Que dentro deste marmor hâ virtude
Que as almas cura, & aos corpos dà saude.

Não mais o Musa minha que isto basta
A quem tão pouco pode como eu posso
Pois a fortuna em tudo me contrasta
Tome a vela o deuoto intento nosso.
Que quem sem fauor seu palauras gasta
Por mais que por si tenha o fauor vosso,
Em vão as gasta, & não hà mor tormento
Que voz do coração leualla o vento.

Deſeſtrado naſci logo em naſcendo,
A ventura que alcanſo não me dura
Se fuy hũ pouco os olhos eſtendendo,
Quando torno não acho ja ventura.
Deſperar, em ſperar, me vou detendo
Mas mal procura, quem ſperar procura,
Quando em terra tão aſpera, & tão ſeca
O fruyto ſempre da eſperança peca.

Quem nos dotes d'ingenho ſe confia
Noutro tempo de tanta eſtima, & preço
Enfim, enfim, no cabo deſconfia
Vendo que vae do branco ſempre aueſſo.
Que a deſuentura o tiro lhe deſuia
Dando ao que vae perdido bom ſucceſſo
Cruel, que altos engenhos diſbarata
E que baixos benigna, & branda trata.

Baſta que quem naſceo fauorecido
Das graças, & dos bens da natureza
He regra, logo ſer diſconhecido
Da fortuna que o encontra, & o deſpreza.
Eu o vejo bem claro, hũ bem naſcido
De quẽ a May primeira, & o Ceo ſe preza
O corpo tras à raſtro como cobra,
E pouca terra em muyto tempo cobra.

Mas se o mundo me paga com memoria
Paga em que ganho muyto, & pouco perde,
Em pouco estimarei toda outra gloria
Por mais q̃ as riquezas juntas herde.
De lethes leuarei larga victoria
E sempre se verà meu tronco verde,
Que este supremo bem se alcansa, & cobra
Sendo mortal, fazme immortal a obra.

Isto nos quiz mostrar a Antiguidade
Nhũ simulacro desta bella forma
Tem hũa Lua em sua mocidade
Que hũa cabeça dentro em si conforma.
E como se entendia a eternidade
Pella Lua, que sempre se reforma,
Pella cabeça, que isto significa
Toda a obra de engenho eterna fica.

Não serei como Anguilla, que se morre
condição disigual do pexe todo,
Do ceno triste, nunca acima corre
Atè que se consume, & torna em lodo.
Mas no Pegaso alado, que descorre
Quanto o Sol mostra, por estranho modo,
Qual outro do mador do monstro horrendo
Pellas nuues, pello ar, irei rompendo.

Isabel

Isabel escolbi por mais conforme
A este tempo da impia Isabella
Para que sua vida tão enorme
Se confunda com esta vida bella.
E com exemplo seu esta reforme,
Quanto co mao exemplo estraga aquella,
Qual firido da rabida serpente
Olhando a do metal, remedio sente.

Fim do Discurso sobre a vida, & morte de santa Isabel Rainha de Portugal.

Seguemse Varias Tthymas.

Isabel escolhi por mais conforme
Neste tempo da impia Isabella
Para que sua vida tão enorme
Se confunda com esta vida bella.
E com exemplo seu esta reforme,
Quanto co mao exemplo estraga aquella,
Qual sirido da rabida serpente
Olhando a do metal, remedio sente.

Fim do Discurso sobre a vida, & morte de santa Isabel Rainha de Portugal.

Seguemse Varias Tthymas.

SONETO. I.

AO DVQVE.

Dom Eduardo de Lancastre Duque d'Aveiro.

Gloria do Edeficio, o louuor alto
Do que a vltima mão lhe poem, se dobra
Em desgraça daquelle, & magoa da obra
Que no melhor lhe foy escasso, & falto.
Este de letras, com que ao Ceo me exalto
E que em mi vossa mão leuanta, & obra
Se sua perfeição por vos não cobra,
A todos causa magoa, & sobre salto.
Iaà que os andames da esperança minha
Não ha quem desarmallos oje possa,
Fazey com que este meu trabalho monte.
Vos sereis minha gloria, eu gloria vossa,
Ficando â vista as que eu jà nalma tinha,
Vossas Armas reaes em minha fronte.

SONETO. II.

A. D. Manoel de Lencastre.

A tenebrosa noyte o caminhante
Quando o ar se engrossa, & o
mundo todo atroa
O tronco busca donde se coroa
Da fugitiua Daphene o brando amante.
Alli não teme o rayo fulminante,
Por mais que na vizinha aruore soa,
E seu louuor por onde vae pregoa
Tanto que a cerracão co Sol leuante.
Trabalha o Ceo em minha fim, trabalha
A terra em minha fim, cõ furia immensa
Cada hora espero pella derradeira.
Onde me acolherei que alguem me valha?
A vos, aquem não quer fazer offensa
O Ceo, nem pode a terra, inda que queira.

SONETO.

SONETO. III.

A D. Fernão Mīz Mascarenhas quando ofizerão Bispo.

Spanta crecer tãto o Crocodilo
Soò por seu acanhado nascimẽto
Que se maior nascera, mais isẽto
Estiuera d'espãto o patrio Nilo.
Em vão leuantarà meu baixo stillo
Vosso Pontifical nouo ornamento,
Pois no ventre o immortal merecimento
Volo talhou, para despois vistillo.
Tardou, mas veyo, que àquem mais merece
Muyto mais tarde vir o premio he certo,
E sempre tarda, inda que venha cedo.
Os Ceos que do primeiro estão mais perto
Mais de vagar se mouem, quem soubesse
Trâs d'aquelle segredo, este segredo?

SONETO. IIII.

Ao Reytor Antonio de Mendonça.

NEste arduo Laberintho onde me guio,
Sem esperança alguã de saida
Mostrai señor o fio à minha vida
Pois esta minha vida jàa no fio.
Incertos passos, horrido desuio,
Medonhos ares, confusão crescida
Ma trazem cõ temor desfallecida,
E della jâa de todo desconfio.
A vos soo tem minha esperanca morta
Se morta pode ser hũa esperança
Que vos tem viuo, & largos annos tenha.
Se espera mal, & ser queymada importa
Por crer mais do que pode, & cà se alcansa
O fogo ponde, que eu lhe ajunto a lenha.

SONETO.

SONETO. V.

QVal Hercules estrella jàa mudado
Que qu ando se quer pòr ao tempo certo
Cabeça, & corpo todo jâacuberto,
Fica soò pellos peès dependurado.
Tal c'hũa graue dòr, graue cuidado
Que o coração me têm de todo aberto
Perdida a razão jàa, de meu fim perto
Me vejo agora em semelhante estado.
Mas ay paixão penosa, que allem passas
Que este enfim não bê sempre no Ceo visto,
Ainda que dos pees se ponha tarde.
E tu como meu mal, & morte traças
Es qual a mão do filho de Calisto,
Que em todo tẽpo ao mar scintilla, & arde.

SONETO.

SONETO. VI.

Val naufragante mifero que cae
Da rota barca no ſoberbo pego,
Elidãdo c'os braços ſem ſoſcego
A cada onda recea que deſmae.
Tal, ſem ter jaá lugar onde ſe eſprae
Neſte mar de meu mal, canſado & cego
Ando, aqui deſfalleço alli me anego
E á cada encontro ſeu alma me ſae.
Em meyo de mil barcas clamo, & brado
Me lanſem por piedade hũ cabo forte,
Mas â ninguem magòa meu cuidado.
Ah' não queyraes que vida tal ſe corte
Que ſe vida me daes, ganhaes dobrado
Liurando muytas vidas de hũa morte.

SONETO.

SONETO. VII.

NO Rio Eufrate, hũa erua, ou flor
se cria
q̃ co Sol sobre as agoas apparece
E dẽtro se recolhe, & se ẽtristece
Quando no largo mar se esconde o dia.
A vista de meu Sol ledo me via
Fora do rio, que dos olhos crece
Agora que meu Sol não me amanhece
Entre lagrimas viuo em noyte fria.
Mas desta flor o triste estado he breue
Tras noyte manhaã tem, ay de quem chora
Contando noytes, sem que hum dia conte.
O Sol jaâ por milagre quedo esteue
Tambem parou meu Sol, mas par ou fora,
Para noyte sem fim de meu Orisonte.

SONETO.

SONETO. VIII.

DA virtude que moue os Ceos depende
Todo o bem, toda a gloria, & ser da terra,
E se hũ bora faltasse, o valle, a serra
A flor, o fruyto, a fonte, o rio offende.
Esse braço que amor de longe estende
Para esta almam, eu ser, & vida encerra
E se algũ bora Amor della o desterra
Que gloria mais que vida ou ser pretende.
Mas nem hâ de faltar essa virtude
Se não co mundo, nem faltarme agora
Vosso Amor ate morte me assigura.
Então para que nunca mais se mude
Se mudarà, & mudarse Amor nessa bora
Serâ para outro Amor que sempre dura.

SONETO.

SONETO. V.

Anſado ao pee de hũ monte, onde rebenta
Hũ rio, q̃ ao maisalto vae corrẽdo
Hũ eſtrago de fogo eſtaua vendo
Que quaſi morto em cinzas ſe ſuſtenta.
Eis quando hũ Aue chega, & tão iſenta
As azas ſobre as cinzas vem batendo
que acende o fogo, & vae o monte ardendo
Mas cadaues o rio ſe acrecenta.
Deſpois de ter o mal, & o dano certo,
Voando para mi lilhe no bico,
Em quanto vento ouuer viuira a fragoa.
Dezejei de a tomar vendoa tão perto
Eſtendo a mão, mas com as pennas fiço,
Fugio, & eu cai no fogo, & nagoa.

SONETO.

SONETO X.

Vaes no Soberbo mar à Nao que cansa
Lidãdo còs assaltos da onda, & vento
Os Ebalios Irmãos do Ethereo assento
Lhe confirmão do porto a esperança.
Tal vossa vista ao tempo, que se alcansa
Desta, que não tem mor contentamento
No mar de meu cuidado, & meu tormento
Mil esperanças cria de bonança.
Comparação conforme a causa vfana
Pois quãdo hũ me apparece, outro se escõde
Como no Ceo faz hũa, & outra estrella.
Iguaes tambem no Amor que em vos responde
Tambem no desamor da Irmãa Troyana
Que ambos vos conjuraes em odio della.

SONETO.

SONETO. XI.

Lá nhũa estranha, & solitaria terra
De gente, & nação barbara habitada
O metal nobre não se estima em nada
Que embalde seu valor, & preço encerra.
Ouro, com que se arrea, & moue guerra
A corações, a Dama delicada
Serue là de grilhão, que em apertada
Corrente, â malfeytores fecha, & cerra.
Naçe esta confusaõ, & differença
Do muyto que buns o seu valor alcansão,
E do pouco, que de outros se conhece.
Iulguem do Sol, & sua gloria immensa
Os olhos d'Aguia, àa que todos cansão
Que sò para taes olhos resplandece.

SONETO. XII.

A hũ Doctor lente declarando hũa materia escura.

En la noche el camino de horror lleno
El Sol hermoso le haze quando viene,
El Alpe fiero mansedumbre tiene
Despues que le ha passado el fiero Peno.
El brauo mar de mansedumbre ageno,
A quien saña y furor solo conuiene,
En el ya qualquier arbol se detiene
Despues del Argonauta, y del Tyrreno.
Camino hezisteya, do no lo auia
A la materia informe forma diste
Y diste vida à la materia muerta.
Con la lengua su parto adorna y viste,
El osso, y el Leon al tercer dia,
Con bramidos del sueño le despierta.

SONETO.

SONETO. XXI.

As Reliquias de S. Cruz de Coimbra.

Aquella Aguia gentil de viſta eſtranha
A Chriſto vio, co a mão de eſtrellas cheа
Solicito, qual anda o que ſemea
C'os olhos longos no que ao longe apanha.
Laurador foy no mundo, & cõ tamanha
Sede, que inda de laâ fruyto grangea
Mas ay ſenhor em terra, & triſte area
Mal eſtrellas ſe dão, pouco ſe ganha.
Bem ſabe Chriſto o que ſemea, & onde
As viuas mortes são de mortas vidas
Que oje neſte ſagrado templo eſconde,
Eſtrellas, que de carne eſtão viſtidas
A quem ſemea ſeu valor reſponde,
E bem, donde as ſemea merecidas.

SONETO.

SONETO. XXII.

Ao meſmo.

Rico Almazem, que Deos eſtima, & preza
Maes forte, que o poder do inferno forte
Bẽte armas, de hũa morte, & deoutra morte
Para qualquer encõtro, & braua empreza.
Arma ſe o fraco cà de fortaleza
Para que aſsi reſiſta ao duro corte
Mas Deos ſempre peleja d'outra ſorte
Cobrindo o forte de mortal fraqueza.
Vzou co inferno deſte proprio modo
Iſcando o anzol da natureza ſua,
Co a noſſa, & foy ſe o peçe tras o engano.
Eco as armas da carne rota, & nua
Dos Martyres, venceo o mundo todo,
Oje em ti as poem para ſocorro humano.

SONETO.

SONETO, XXIX.

Que mal hê este meu tão differente,
Não he dos males grandes natureza
Ou se acabarem logo sem firmeza
Ou acabarem logo a quem os sente?
Seu natural custume não consente
Minha ventura, pois minha fraqueza
Como dura: do mal tem fortaleza
Por mais tempo sentir meu acidente.
Sou qual Phenix que morre e resucita
Ou como Prometheo que là se queixa,
E por sentir mais dor se não consume.
Não dizem que o custume, & tempo incita
A não sentirse ador: tê nisto deixa
O tempo, & o custume seu custume.

SONETO. XXX.

Quando auezes ami, por mi pergunto
Quem fuy responde que me não conhecè
Com não ser, de quem sou medesconhece
Etẽ me por defunto, o jaà defunto.
Elle chorame a mi, por elle ajunto
Com elle minhas lagrimas, & creçè
Hũa com outra dor, pois se offereçe
Chorarẽ quem jaá fuy, & quem sou junto.
Choro porque o não vejo qual o via,
Elle porque me veè, qual veê chora,
De mi, & delle soò lagrimas hàa.
Espero por hũ dia, cadadia
Que ou acabe de ser quem sou agora
Ou acabe o lembrarme qnem fuy jaâ.

SONETO.

SONETO. XXXI.

Fujo de mi, quando me não precato
Sem querer outraues me acho commigo,
Tenho me por ſoſpeyto, & inimigo
E commigo perpetua guerra trato.
Entrando em mi deſtruo, prendo, & mato,
Mas eu quando me vejo em tal pirigo
Contra mi me leuanto, & me perſigo
A ferro, & ſangue ſem querer contrato.
Por mi tenho os ſentidos, que me acodem
A razão co a vontade, & co amemoria
Suſtentão contra mi outro partido.
Ay ciuil guerra ſem deſpojo, & gloria
Onde os que podem mais contra ſi podem,
Onde o que hè vencedor fica vencido.

SONETO. XXXII.

Ao Reytor Antonio de Mendoça.

Famoso Alcides, que nos hombros altos
Esta soberba machina sustentas
E de Atlante a pessoa representas
Que nunca de virtude os achou faltos.
Seguros sem temor, sem sobresaltos
Andem quantos por teus experimentas,
Que apezar de mil horridas tormentas,
Resistirã comtigo â seus assaltos.
Com taes hombros soster o mundo podes
E se oje te detens neste trabalho
Hê hũ ensayo para mores cousas.
Que como à todo pezo sempre acodes
E vas subindo acima por atalho
Para cansares mais, aqui repousas.

SONETO.

SONETO. XXXIII.

Nunca se vio tão duro coração
Que sentindo chorar não distillasse
Lagrimas feruorosas, nem mostrasse
Que tinha do que via compaixão.
Não espalhou Orpheo seus ays em vão
Mas antes acabarâ que chorasse
E que outro nouo pranto leuantasse
Quem nunca se doera de afflicão.
Comorão chorarà com larga vea
Meu mal quẽ mo causou, & pouco o estima,
Pois chorallo te veè tão tristemente.
Sendo muy natural que mais lastima
Quem chora como sua a pena alhea,
Que quem a pena propria chora, & sente.

SONETO. XXXIIII.

Buſcando ando ventura, & não dou nella
A tudo ſoò por ella me auenturo
Mas por mais q̃ acho tudo, em vão procuro
Que ſoò de tudo, em tudo me falta ella.
Se para vela vêlo, tambem vella
Evae de mi fugindo pello eſcuro,
Eu pello eſcuro a ſigo aſas ſeguro
Como quem a não tem para per della.
Mas ay que digo como não conheço
A ventura que ſem ventura alcanço
Que mor ventura que não ter ventura.
Fora ventura então de pouco preço
E tempo, mas faltando á meu deſcanſo
Achei ventura em vos, que ſempre dura.

SONETO.

SONETO. XXXVII.

Menos sente o não ver quem cego nasce
Que aquelle, que depois deter gosado
A frescura do rio, fonte, & prado
Nesta belleza os olhos jâa não pasce.
Menos, o que não vio abella face
Da fortuna, que quem aleuantado
No mais alto, caiò daquelle estado
Não temendo que esquiua se mostrasse.
Mas com tudo não sente tanto o cego
Que jà viò, o não ver, nem sente asi
O que já rico, foy verse em pobreza.
Como eu, & tanto mais nisto me emprego,
Quanto mor hè obem em que me vij
Que a vista de seus olhos, & a riqueza.

SONETO.

SONETO. XXXVIII.

Ao Reytor Antonio de Mendonça.

Seguro estado da cidade, & gente
Quando aos que nelle tem gouerno, & mãdo
Lho vae de tempo à tempo variando
E durarlhe co a vida não consente.
Seguro, que se dana este presente
Melhor ao longe o està prognosticando,
Com este se foy Roma dilatando
E perdendoo, perderse inda oje sente.
Tal foy o destas inclytas Athenas,
Antes que por senhor vos alcancassem
Mas oje o sentem pello bem que adorão.
Que como deste modo melhoressem
Suas cousas, â grandes de pequenas
Chegando agora ao cabo, o fim lhe chorão.

SONETO.

SONETO. XXXIX.

Argos para outras couſas, Polyphemo
Sòo para eſta, deſpois que a noyte abraça
Que aſtuto caçador da ſurda caça
Que Serea te pos em tanto eſtremo.
Torna mancebo em ti que a vida temo
Te ſeja a ſombra deſte teyxo eſcaſſa,
Ou qual figueira ao touro te desfaca
O luſtre, o brio, o teu valor ſupremo.
Deixa ſeco, & ſem gloria otronco verde
Com ſeus torcidos noòs abranca era
Eſte de honra, ſer vida, te deſpoja.
Porque deſpois não digas quem ſoubera?
O nome funeral de quem te perde
Se ouſa a lingua dizello aqui ſe arroja.

SONETO.

SONETO. XXXX.

Nhũ ſeco ramo, nũ de fruyto, & folha,
Hũa queixoſa rola geme, & ſente
Do caſto minho ſeu parceiro auſente,
E vello a cada ſombra ſe lhe antolha.
Dalli dece a hũa fonte onde recolha
Algũ alento, & porque não conſente
Ador ver agoa clara, juntamente
A enuolue cos pees, & o bico molha.
Se auſencia, & amor ſentida a rolatem
Que nem de auſencia, nem de amor conheçe
Em quem peſar nem ſentimento cabe.
Que farão em quem ſente o que padeçe
Quem de ſeu mal conheçe, & de ſeu bem,
Temo que venha á não ſentir, & a çabe.

SONETO.

SONETO. XXXXI.

Quando as ceruleas ondas no mar alto
Co abranda viração quieto, & manso
Que empollandose vão de lanso, em lanso
Prognostição dos ventos brauo assalto.
Os Delphins com ligeiro, & leue salto
Buscão do melhor porto o mor descanso
Passando a tempestade em seu remanso
Ia liures de temor, & sobresalto.
O brauo mar, hè este brauo mundo,
Os Delphins, todos nos que nelle andamos
As religiẽos, seguros mansos portos.
Para elles deste mar nos acolhamos,
Antes que em seu abismo alto, & profundo
Cobrados fiquemos, despoys mortos.

SONETO.

SONETO. XXXXII.

Day me razão Baptista, que conclua
Porque sois voz, que no deserto brada
Se Deos tem jâ sua palaura dada
De à seu filho chamar palaura sua.
E não hê bem que se vos atribua
Nome que à Deos para seu filho agrada,
Quanto hũa confição desenganada
Obrou, temo esta voz tanto destrua.
Ah' quanto hè seu officio à voz conforme,
Desperta a voz, mas a palaura falla,
Miluezes cõ quem dorme vsamos isto.
Vem Deos fallar co Mundo, & porque dorme
Primeyro a voz lhe manda que o aballa,
O Baptista desperta, & falla Christo.

SONETO.

SONETO. XXXXIII.

De hũa grande Rainha do Oriente
Cante a fama por quanto o Sol rodea
Que ao grande Salamão Rey de Iudea
trouxe a planta do balsamo em presente.
Hũ balsamo melhor maes excellente
Outra maior Rainha nos grangea
Para curar hũa ferida fea
Que o Mundo tem na parte que maes sente.
Na face esta ferido, & faz jàa termo
Traz lhe Maria o balsamo diuino
Do mesmo Deos em nossa humanidade.
E como acode o medico ao enfermo
Antes que no seteno perca o tino,
Co este remedio vem na sexta idade.

SONETO. XXXXIIII.

Do fundo sobe do mar Indo a cima
A recolher o orualho a concha, & nella
Despois que pouco á pouco se congella
A perola nos dá de tanta estima.
Oje, despois que o Ceo choueò de cima,
O rico orualho, aquellà conha, aquella
Diuina humana, maes que todas bella
O mundo pobre com seu parto anima.
Mas ay que a concha aberta o orualho fino
Recebe, & em pedra dâ, porem Maria
De outra inuẽcão, & modo extraordinario.
E como vem tão pobre este minino?
Vem tosca pedra, & seu preço, & valia
Sòo conhece o discreto lapidario.

SONETO.

SONETO. XXXXV.

Eccos de minhas glorias, que ficastes
Nos valles, onde forão sepultadas
Pois morrerã sem tempo malograda,
Porque com ellas não vos sepultastes?
Se como à brados de Leão cuydastes
Que poderiã ser resuscitadas
São vozes essas no deserto dadas
Que a conjuncão dos dias jâ passastes.
E se ficastes para me ajudardes
A renouar meu sentimento esquiuo,
Não desacrediteis minhas memorias.
Que se còs Eccos meus vos encontrardes,
Achareis, que siruis mais para hũ viuo,
E que elles seruem soôs á mortas glorias.

SONETO. XXXXVI.

Tanto que sente enfraquecer o alento
Quebrado obrio, & jáa menos ligeyra
Co a longa idade, & vida derradeyra
Aguia a presa siguir cortar o vento.
Leuanta o mais que pode o voo isento
E firida do Sol desta maneyra
Dà no mar, recobrando a forsa inteyra
E com nouo vigor, nouo ornamento.
Quem não vee figurada a grande gloria
De hũa alma, cuja vida mal gastada
Com noua penitencia se melhora.
Ao alto se leuanta co a memoria
E no diuino amor toda abrasada
Caè no mar das lagrimas que chora.

SONETO. XXXXXI.

Na partida do Sereniſsimo Cardeal Alberto para Madrid.

Dexas ſin gloria, y lumbre, inclyto Alberto
Triſte el Reyno, que tan triſte hora llora,
Y con el almas que en ti mora, adora
Tu ſombra, en tanto deſconcierto, incierto:
Irà tras ti qual nel deſierto abierto
Con ſus bramidos tigre boladora
Vá ſiguiendo là mano, que atheſora
Su penor dulce, que recela muerto?
No, que correr tras ti no le aprouecha,
Sigue la madre al hijo de amor lleno,
El bien, que el ſigue le huye, y le deſecha.
Llore lueguo el paſſado tiempo bueno
Pues vino ſu biudes canſada y eſtrecha,
Criar por ſuyo, vn hijo, que era ageno.

TERCETOS.

Ao mesmo proposito.

Quando en medio del aspero camino
Descansa el, que camina de cansado,
A la sombra de vna haya fresno o pino.
Aquel descanso dulce y deßeado
Le viene para mas cansacio y pena
Hasta que ponga fin à su cuidado.
Y quando el tempestuoso cielo atruena,
Por largo tiempo, y con su horrido manto
Cubre la tierra de su lux agena.
Si en medio da quel triste y negro espanto
Vn poco se descubre, y cubre luego
Abiua la tristeza, y el quebranto.
Y quando en las montañas algun fuego
Apparece en la noche, al que perdido
Và sin hallar abrigo y medio ciego.
Redoblase el dolor, y mas crecido
Es el pezar, si le apagò el viento
O fue del labrador luego escondido.

No suele

No suele lastimar tanto el tormento
Si sin remedio alguno, o esperança
Del, Executa su furor violento.
Como si con los ojos cerca alcansa
El triste su remedio, y el lo dexa
Con solo aquel desseo que le alcansa.
No de l'hambre cruel, ni sed se quexa
Tanta lo mas del arbol, y agua clara
Que aora se le acerca, ora se alexa.
Ansina al triste, la fortuna auara
Para que mas le afflija y le castigue
Fauorable le muestra algo la cara.
Dandole en medio el mal que le persigue
Señal de bien, y luego vase huyendo
Del miserable, que la llama y sigue.
En llanto eterno estaua consumiendo
Lusitania los dias, y crecia
Mas con los dias su dolor horrendo.
Dende aquel lamentable que aporfia
De los hados nel Africano suelo
Su gloria sepultò, y su alegria.
Traxote el cielo para su consuelo
Y vnico plazer â darle prueua
Oy para mas dolor te lleua el cielo
Mejor no te truxera pues te lleua.

ECGOGA.

Fortunato. Felicio.

O' daquelle que naſce tributario.
Condição triſte, paga ou cedo ou tarde,
E pois o leua ao mar ſeu curſo vario
Ninguem ſe fie em Sol, quando mais arde.
Nem a vida ſe fie em ſeu contrario
Que por ella ha de vir inda que aguarde
Nem nos engane graça, & fermoſura
Hè do tempo, elle a leua que não dura.

Tudo que foy forſado, & violento
Pouco tempo durou, & acabou cedo,
Cortas Icaro o ar, cortas o vento
Sobes mais do que hê teu, ſem nenhũ medo.
Mas torna ao natural teu leue intento
Deyxando triſte o Pay, & orio ledo
Tambem nos enſinaſte Phaethonte,
Ser maes ſeguro o valle, do que o monte.

Andaua em sua barca fraca, & leue
Hũ Piloto ora à remos, ora a vela,
Seguro junto a praya, mas foy breue
Esta quietacão, que se foy della.
No mais alto do mar entrar se atreue
Siguindo nouo norte, & noua estrella,
Cobra a fraca barca, elle desmaya,
E julga então do golphão, & da praya.

Ouuireis de outra vaà temeridade
Queyxumes, & sentidos desenganos
E sirurà de exemplo à outra idade
Para que aprenda dos albeos danos.
Assi quando hũa nao cõ tespestade
Se perde nos maritimos enganos,
Se o sabio mestre os baxos não notara
Nenhũa ja maes delles escapara.

Perdido vae, desbaratado, & pobre
De esperança melhor de todo alheyo
Mudado o ouro rico, em bayxo cobre,
Buscando entre mil meyos, hũ soô meyo.
Iâa se veè laurador, & jàa o encobre
Debaxo de pastor o vão receyo,
De tudo foje, o ar, & a folha teme
Que n'aruore co vento bole, & treme.

De si proprio fugir tambem quisera
Porem fugir de si não pode agora
Se não fugio de si, quem jaà não era
Aquelle que jâa foy que nunca fara.
Ditoso se isto a morte lhe fizera
Não morrera mil mortes cada hora
E queyxase da vida ser tão forte
Pois sofrer pode o que não pode a morte.

Soò vae, mas de temores rodeado,
Pesada companhia que o persegue,
A morte leua â hũ, & â outro lado
Diante a morte, atras a morte o segue.
Qualquer tronco, & penedo julga armado
Duuida se lhe fuja, ou se se entregue,
Confundelhe o temor, & medo as cores
Que aonde culpas bâ, morão temores.

Qual esquadrão das aues que em pezares,
E mortes, tem o seu contentamento
Quando o vento lhe trouxe os graues ares
Do campo funeral, & peçonhento.
As nuues altas vão cortando â pares
As proas para donde sopra o vento
E dando na deserta sepultura
Cada qual sua morte alli procura.

Mil bordoes

Mil bordos, mil discursos faz cõsigo
Ora se vèè no mar, ora na terra,
Quando busca remedio à hũ perigo
Vèè que o remedio outro perigo encerra.
O mais fiel acordo acha inimigo
E quando acerta mais, então mais erra,
Acha mal sobre mal, & aconsciencia
Lhe rasga o coração sem resistencia.

Qual quando adormecido, aberta a boca
O Crocodilo tem âo Sol na praya,
O pequeno inimigo à entrar prouoca
Que esperando occasião perto se ensaya.
E como o coração horrendo toca
Primeiro o mata, que de laâ se saya
Inquieto co a morte o Crocodilo
Ora salta na praya, ora no Nilo.

As vezes espalhando ao vento magoas
Magoas ao vẽto em vão que o uẽto espalha,
Faz com a forsa vir aos olhos agoas
E chũa dor à outra dor atalha.
Respondẽlhe de longe as altas fragoas
Aonde o Ecco por subir trabalha,
E caindo outr aues dos altos montes
Assi soa nos valles, & nas fontes.

Fortunato.

Quem nos bens, & na gloria se confia
Nem teme da fortuna a roda leue,
Quem das prosperas cousas se não çia
Nem sabe que abonança hê muyto breue,
Em mi ponha seus olhos, que lhe cria
E veja o meu estado o fim que teue,
Que condição de Deos hè muyto antiga
A todos auisar quando hũ castiga.

Fuy ao maes alto cume aleuantado
Para que fosse mor minha caida,
E tão depressa fuy precipitado
Quão apreßada foy minha subida.
Leuantouse nhũ ponto meu estado,
Nhũ ponto minha gloria foy perdida,
Olhay para esta vida que gosamos
Subimos, & de cemos, nunca estamos.

Não hâ seguro estado nesta vida
Não se acha nella cousa permanente
E quanto for maes alta, & maes subida
Tanto be menos quieta, & continente.
A rocha alta hê de rayos combatida,
O valle humilde, & raso, isto não sente,
Ditoso à quem hũ vil estado esconde
Não tem donde cair, nem para onde.

Não sabe que valia, & preço seja
Dos bens que o mundo dà nem os conheçe
E não os conhecendo, não dezeja
E não os dezejando não merece.
Com os não merece, não os enueja,
E não os enuejando, não padece
Não padecendo, alegre, & ledo viue
Mas eu padeço a dor do bem que tiue.

O bem auenturados lauradores
Se conhecer souberdes vossa sorte,
Se souberdes escolha ter das cores
E diuisar do Sul, o claro norte.
Payxões, penas, cuydados, magoas, dores,
Ia mais prouarã em vos o fino corte,
Vos soò viueis, a vida he soò a vossa
Se hâ vida, que chamarse, vida possa.

Esta, nobre Similio conheceste
Por maes quieta praya, & maes segura,
Pois que deixando a Roma onde nasceste
Te vas viuer no cabo a espessura.
E tão quieta mente alli viueste
Que este titulo poens na sepultura
Aqui jaz o que largos annos teue
E sete scòs de vida, â vida deue.

Cò muyta razão tinha soò por vida
Aquella vida descansada, & solta,
Onde pedra não hà que agoa diuida
Que lhe torsa o caminho, & faça cnuolta.
Por valle raso busca ao mar saida
Serena, & branda sem meandro, & volta,
Onde não chega o tõ do brauo rio
Que surdo faz aquelle senhorio.

Que linda vista quando a esposa bella
De Tytono, vem dando a cor à terra
Ver que se vae do Ceo toda a estrella
E que hũa luz à outra luz desterra.
Por outra parte foje a sombra della
E pouco a pouco deixa o valle, & serra,
Para despois que o Sol formoso nasça
Das aruores cair cõ maior graça.

Pois que graça esperar o Sol que aponta
Lansando hũ rayo, & outro, atè que sae
Quando os primeyros montes passa, & cõta,
Despois nos encubertos valles cae.
E se esta gloria auezes lhe desconta
Fazendo que se encubra, & que desmae
Algũ bemestreado, & roxo vey
Que saudades faz na terra, & Ceo.

Começão á vistirse de esperança
Os campos tristes pella noyte escura,
O lirio, a viola, a rosa, alcansa
De nouo su antigua fermosura.
Os olhos de cristal, que a fonte lansa,
Maes puros saem jáa della maes pura,
E os rios cõ mansa, & clara vea
Dao à contar os grãos da branca area.

Nisto vendo o pastor o tempo certo
Para seu doce alegre, & saõ trabalho
Estando todo gado jàa desperto
Que o chama ao son do rustico chocalho.
Abrindolhe o currar cõ desconcerto
Pisando sae o matutino orualho
Atè que ao pasto custumado chega,
E o maes verde feno corta, & sega.

Mas não hê menos gosto ver na tarde
Quando de tras do monte o Sol se encolhe,
Quando respira o campo, & menos arde
Como outraues o gado se recolhe.
E ver como primeyro hũ pouco aguarde
Tè que o Rey do rebanho a estrada escolhe
E jáa quando entra em seu abrigo pobre
De triste sombra a negra noyte ocobre.

Mas ainda que a noyte esconda quanto
Podia aos olhos dar contentamento
Não leuanta tão alto o negro manto
Que encubrir possa o cristalino assento.
Nelle ceuando os olhos entre tanto
Se das estrellas tem conhecimento
As Hyadas as Pleyadas nomea
A'rude companhia que orodea.

O dbce vida quem te não dezeja?
Quem para sempre a vida não te empresta?
Desta vida se pode ter enueja
Onde o trabalho val, & o sommo presta.
Discreto emperador que se não peja
O Romano poder deyxar por esta,
Trocaste por repouso o grande imperio
O repouso troquey por vituperio.

Tão cego fica aquelle onde o bem mora
Que não pode estender o pensamento
Para cuydar que o bem que apalpa agora
Tornarse muy depressa pode em vento.
Estâ todo embibido naquella hora
E não veè, que não tem horas assento,
Isto me fez cuydar quando o bẽ tinha
Que o não visse mudado tão azinha.

Que voz he esta que rompendo os ares
Testemunha seu mal de tal maneyra
Que me tras á memoria meus pezares
Inda que delles esquecerme queyra.
De que reueses triste, de que azares
Da fortuna te queyxas, sempre inteyra
Contra nobres engenhos, da me parte
Que em tudo saberey acompanharte.

Fortunato.

Abrasa se me a casa em viua chamma
Não sey donde arde, ou donde me precate,
Não vejo donde o vento sopra, & clama
E cõ brauo furor na vela bate.
Callado nem, não lhe sabeis acama
O graue mal, que vêm para que mate
Hè qual Leão que com a cauda afea
As pisadas que faz còs pèes n'area.

Ou qual cauallo habitador marinho
Que para que seguro à terra saya
Co rosto para tras segue o caminho
Sem que ninguem na trilha assi lhe caya.
Não se conhece o mal se não vezinho
De subito vos toma, & então se espraya,
Qual Sotterrano rio que arrebenta,
Onde menos o mostra, & representa.

Iâa que não sabes donde o mal te nasce
Dizeme que mal hê, que assi se cura,
A boca o diga, pois o diz a face
Que mal do coração mal se assigura.
E julgaria mal quem me julgasse
Por estranho em qualquer desauentura
Que de muytos que entrarã neste seyo
condoerme aprendi do mal alheyo.

Isto faço tambem por interesse
Quiça co teu, meu mal assi se abrande
Como em brenhas, & matas acontece
Que pondo outro dauante ao fogo grande.
Hũ fogo, & outro fogo desfallece
Por mais q̃ embraueçido em chamas ande,
Ah' façamos à males contra mina
Que bem sabio quem bem se determina.

Fortunato.

Que aniso, que concelho tão suaue,
Se pudera a meu mal sofrer o freyo
Porem he para mi tão duro, & graue
Que não consente jàa remedio alheyo.
Hè de roda meu mal, eu tenho chaue
Eu soò sey desarmar seu cego enleyo
E quando da cidade fez apreza
Logo se assenhoreou da fortaleza.

EMBLEMAS.

¶ ESTES EMBLEMAS COlhi, assi de Pierio como de Paradino, por me parecer cousa noua em nossa lenguaje portuges. morrerão mal logrados, que bem morre, quem tão mal naçe, pois lhe falta o melhor que saõ as figuras, mas aduirto q̃ trato nelles como se as teuera cstã padas.

M 5 Sempre

Ao Duque.

Sempre verde em vosso arrimo.

No chão menos se estende
Menos enredos tece luxuriosa
Mas se algum muro prende
Assi trepa viçosa
Que perpetua verdura a Era goza.
Sem vos firme Coluna
Nenhũ ser me emmobrece ou gloria esmalta
Baixa hê minha Furtuna
Porem subida, & alta
Em quanto fauor vosso me não falta.

Mais por industria, que força.

Custuma a Aguia forte
Procurando de dar ao Ceruo leue
Mais appressada morte
Inda que a campo aberto â mais se atreue
Voarlhe entre a cabeça
E co as asas saco de â area espessa.
O fraco Animal cego
De alguã rocha assi se precipita,
Então faz ella emprego
E seu brauo furor nelle exercita
Mais auezes por manha
Que por forsa victoria alta se ganha.

Como

Como el Sol a las tenieblas.

Vedes este minino tão escasso
De hũa macaã que tem, & muito estima
Que se tomar lha vão, foje cobraço
E cõ muytos effeytos se lastima.
Se por ventura a Mãy chũ doçe abraço
E co peyto na boca o afaga, & anima
Da mão do braço, & da macaã se esquece
Teè que por si lhe cae, & se adormeçe.

Estes effeytos tem mimos do Ceo
Nhũ coração que còs de case enleua
Que fica como quem da agoa bebeo
Que na corrente esquecimento leua.
Se gloria se riqueza te vençeo
Se vaà speranca de algum bem te ceua,
Venha hũ mimo de Ceo ab'como esqueçem
E despois de esquecidos aborreçem.

Iniuisa

Tolluntur in altum.

Inimisa de Eterna
Tras o fero Dragão co a soberba Aue
Que as mais Aues gouerna
E cõ furia tan graue
Ao duro encontro saem.
Que enroscados às nuues se leuantão
E de sorte quebrantão
As forsas que sem vida, & alento caem
Que saõ grandes subidas
Dos soberbos, senão mores caidas.

A seu tempo.

Estas frescas espigas
Que o campo alegre de verdura pintão
Chegando à mais antigas
Virà tempo que sintão
Outra cor loura, & esta não consintão.
Obras da mocidade
São estas, que á verdura se comparão
Mas entrando outra idade
Melhores se declarão,
E quasi se enuergonhão das que vsarão.

Hypro-

Hypocrita.

Esta Aue ou Animal
Pois que só na apparencia se mostra Aue
Nem ter pennas lhe val
Para que ocorpo carregado, & graue
Leuante em voo leue
E os ares largos corra em tempo breue.
Figura bê que responde
A figura do Hypocrita fingida,
Que dissimula, & esconde
Os maos custumes da estragada vida,
E sô mostra de fora
Sinaes de deuação, & auezes chora.

Latet

Latet anguis in herbâ.

Vio-se Cleopatra catiua
E tanto isto alma lhe corta.
Que antes quer ser liure morta
Que sem liberdade viua.
Para o bem que determina
Hũa Aspid manda buscar,
E para poder passar
Entre bonina, & bonina.
Quem imaginar pudera
Que entre flores morte vinha,
Mas nem rosa hà sem espinha,
Nem sem mal bem nos espera.

Antes, que depois hẽ tarde.

Depois de largo tempo estar a terra
De verdura, de graça, & gloria pobre
Igual co valle raso a grande serra
Que outra serra maes alta de agoa a cobre
Da Arca que os Animaes todos encerra
A ver algũa terra lhe descobre
Hũa Pomba Noe aos ares lança
Co dezejo esforçando a esperança.

Ella que vae para que reconheça
Algua annosa faya ou monte antigo
Laa sobre a tarde antes que lhe anoyteça
Torna cansada a seu primeyro abrigo.
Ditosa alma que com ligeyra preßa,
Para Deos vem fugindo do pirigo
Antes que a morte venha, & a tome fora
Que em vão depoys por seu remedio chora.

Mi pro-

Diuide o agudo arado
A seca terra cõ trabalho muyto;
Mas ao colher do fruyto
Fica o laurador rico, & o boy cansado;
Ah' quanto em seu proueyto
Conuerte o merecer do albeyo feyto.

En marmol no en la arena.

Isto que talha, & aponta
Este homẽ triste em bróze ou marmor duro,
Hè hũa graue afronta,
E quem lha fez descansa, & anda seguro
Porem como em lembrança
Fica, mal se assigura, & mal descansa.

Qua

Quam pouco fica de tanto.

O ſoberbo, & diſcreto Saladino
Deſpois de ſojugar todo Oriente
Por eſte feyto de memoria dino
Nunca eſquecido jâa ſempre preſente.
Tanto que ſeu mortal duro deſtino
A hora derradeira chegar ſente
Manda leuar a mais delgada veſte
Nhũa aſta em alta voz, Saladino he eſte.

Là torpeza altorpe.

Este Animal enorme
Que em sordes se recrea, & se deleyta,
Se entre boninas dorme
Cama no cheyro, & na belleza aceyta,
Como se alli sintira.
O peor cheyro desmayando espira.
Ah torpe, & desonesto
Que em teus deleytes vaõs viues tão ledo.
Tendo o mais por molesto

Al fin ſe canta la gloria.

Polycrate Tyranno
A quem nunca fortuna deu de roſto
Quiz procurar hũ dano
Por ver aque ſabia hũ ſoò deſgoſto
Que lhe enfada hũa vida
Sem nenhũ infortunio poſſuida.
Hũ anel de alto preço
Manda, que no mar largo ſe lancaſſe
Crendo que eſte ſucceſſo
Co a lembrança da perda omagoaſſe
Quiz triumphar deſta arte
Da fortuna que tem da ſua parte.
Mas quando deſcuidado
Cuidaua que eſta perda ſintiria
No ventre foy achado
De hũ pexe, que em preſente lhe trazia
Vn pobre peſcador
Que pudera de pobre, ſer ſenhor.
Fortuna que o ceuaua
Com eſtes mimos vãos, & vaos afagos,
Ao longe lhe guardaua
Em pago delles, amargoſos tragos
Vioſe morto, catiuo,
Exemplo eterno, para todo o viuo.

Al vencido la victoria.

Parte de sangue tinta
E parte em nobre Palma transformada,
Aqui se mostra, & pinta
Esta fermosa espada
E por cima de tudo coroada.
Esta he aquella crua
Porem não crua mas de summa gloria
Que contra hũ Martyr nua
Com eterna memoria
Lhe deu por catiueiro alta victoria.

Mere-

Meretricia procacitas.

A Era se com seus nòos
A qualquer arvore abraça
Roubalhe a verdura, & graça
Que a primavera lhe pòs.
Cae a flor, com que se arrea
Toda sua gloria perde,
A Era soô fica verde
A custa da perda alhea.
Esta condicão esquiva
Tem a pouco esquiva Dama,
Que àquelle, que a serve, & ama,
Da vida de honra, & ser priva.

Minha queda me leuanta.

A pela tão vſada
No exercicio do nobre cortesão,
Então pula do chão
Quando hè com mil reueſes rechaçada
Rebates da ventura
Leuantão mais a hũa alma em Deos ſegura.

Compite con la Natura.

Aquelle Emperador Domiciano
Em diſpidir a ſeta tão deſtro era
Que por moſtrar o engenho ſoberano
Pregou duas de ſorte nhũa fera.
Quẽ cauſaua de longe á viſta engano
Como ſe com dous cornos eſteuera,
Quantas couſas faz arte com deſtreza,
Que pareçe que as fez a Natureza.

Peccatum

Peccatum.

De hũas Aues celebra o Mantuano
E de outras a ſoberba Fama conta
Cujas feycões de bello roſto humano,
A cauda de ſerpente, lhe deſconta.
A trahem com aquellas, mas em dano
E morte crua teem a cauda pronta,
Figura do Peccado moſtra, & trata
O fermoſo que teem, deſpois nos mata.

Tais tempos taes tentos.

Quando o porco eſpim arma à caſa pobre
Duas portas de induſtria lhe fabrica
Hua deſcobre o ſul, outra deſcobre
O Norte, aſsi ſeguro ao tempo fica.
Quãdo o Sul vẽta, a do Sul fecha, & cobre
Quando o Norte a do Sul ao ar publica,
Prudente condicão diſcreto auiſo
Para fugir do tempo o perjuizo.

De la musica enemigo.

He certa natureza da Onça estranha
Entre outras varias condições, que segue,
Que ouuindo algum pandeiro assi se assanha
Que porque o não persegue, se persegue.
Assi propria se rasga, & desentranha
Tee que co sangue, & vida o campo regue,
Oh barbaro, & silueſtre entendimento
Se a musica do Ceo te dâ tormento.

El tiempo lo aperfeciona.

Feo sem parecer, & sem figura
Hè do torpe vsso o parto, quando nace
Não sabeis em que parte a vida dura,
Nem donde, ou porque vea o sangue paſſe.
Mas co tempo lambendo, lhe afigura
A mãy naris, boca, olhos, fronte, & face,
Da mocidade vaã isto se entenda,
Que o tempo tudo apura, & tudo emmẽda.

Corona para la muerte.

O corpo morto sem alento, & gloria,
Despojada da graça, & viuas cores
Antiguamente temos por memoria
Se ornaua de coroa de mil flores.
Era certo final da alta victoria
Que alcançaua da vida, & suas dores
Ay, & quam differente serâ aquella
q̃ Deosnos tecer de bũa, & de outra estrella.

In hunc.

Ferida das serpentes no deserto
A libertada pirigrina gente,
Moyses, que o Ceo por si tem sempre aberto
Leuanta de metal outra serpente.
Quem nella os olhos poem, remedio certo
A mais mortal ferida logo sente,
O figura de hũ Christo na crux posto,
Que espera que ponhamos nelle o rosto.

Melhor

Melhor cos males.

O Famoso Animal de nobre brio
Que os campos pisa cõ dourado arreyo
Se em algum apartado, & soô desuio
Prouou do fero lobo o dente feyo.
Se daquelle pirigo passa o fio
Melbor, & mais audâs mastiga o freyo
Dos males sae o generoso peyto
Quando delles escapa, mais perfeyto.

Voy tras quien tener no puedo.

Tras este pexe de figura incerta
Que se não julgará se he pexe, ou cobra
Vae este pescador co a mão aberta
Aqui cae, alli se ergue, alli se dobra.
Mas quando o toma, quanto mais o aperta
Mais lhe foje, sem fruyto innutil obra,
Taes saõ as cousas deste mundo vão
Tanto mais fora, quanto mais na mão.

Mudou o ninho a Cegonha.

Eu que nas mais soberbas torres tinha
O ninho amado como em mais seguro,
A quem do Ceo primeyro o orualho vinha
E primeyro do Sol o rayo puro,
Agora por desdita, ou culpa minha
No chão á mil desastres o auenturo,
Mudança d'alma vaã, que se desterra
De Ceo seguro, á pirigosa terra.

Mas vn bueno que mil malos.

Tanto que arma no mar a casa leue
Alcyone, ou na praya, & branca area,
Somete logo as ondas que altas teue
O vento cansa, & seu furor refreya.
Qualquer pequena barca então se atreue,
E sem temer naufragio o mar rodea,
Tal hè bũ justos oò, que à Deos obriga
Que os maos por seu respeyto não persiga.

Vida

Vida de amantes.

Na brasa mais isenta
A Salamandra viue enregelada
E nella se sustenta
Aqui se vee pintada
A vida triste da Alma enamorada.

Té que dêe volta perfeyta.

Continuo mouimento
Traz a fermosa Irmãa do alto Planeta
Sem ter ja mais assento
Com virtude secreta
Em crecer, & minguar, sempre inquieta:
Andarà nesta roda
dando ao largo mar prata, & lux ao monte
Atè que cheatoda
Co Pay de Phaetonte
Veja immudauel jâa nouo Orisonte.
A Catholica Igreja
Andarâ de oppreßoes atribulada
Atè que hum dia seja
De todos Mãy chamada
E de perpetua paz remunerada.

Ambos bonança, hũ tormenta.

Quando no largo mar à Nao que cansa
Lidando cos assaltos da horrida onda
Se mostrão os dous Irmaõs, certa bonança
Prometem, com que o tempo lhe responda.
Mas tempestades brauas, sem mudança
Se hũ delles appareca, & outro se esconda
Naufragio a Nao do matrimonio espere
Quando nelle a concordia se adultere.

Segura pobreza.

Quando la do alto centro a terra treme
E total destruicão nos ameaça
Do mais alto edificio mais se teme
Que mais depressa então ruina faça.
A casa pobre so de taipa estreme
O pirigo segura, & liure passa
Ay pobreza do Ceo, riqueza triste
Nunca soscego, nem repouso viste.

Quem dilata mata.

O Animal pequeno que se cobre
De agudo espinho, & como seta o trata,
A dor do parto de maneyra encobre
Que para muytos dias o dilata.
Creseelhe o ventre, & faz q̃ ador se dobre
Que agora o poem no fim, agora o mata,
Iusto castigo, & merecida pena
De quem para a manhaã, o de oje ordena.

Cosi viuo piacer conduce a morte.

A simples Borboleta
Tendo o lume por brando, & por humano
Chũa amorosa teyma
Não descansa ja mais nem se aquieta,
Tè que nelle se queyma,
Quantos seguem seu dano
Leuados da apparencia de hũ engano.

Esperança

Penitencia.

Tanto que graue o corpo o vſſo ſente,
A cabeça, peſada, & a viſta eſcaſſa
Buſca hũa eſcura coua em continente
Aonde ſolitario a vida paſſa.
Soô co lamber dos peès viue contente,
Sem outro doce fauo, nem mais caça
Ditoſo o que do trato humano fora
Arrependido ſuas culpas chora.

Amor.

Romance. I.

Ageno de ſus plazeres
no de pezares-ag-no
que à vn cuerpo triſte acuden
como al muerto abuyres fieros
Al pie de vn lothos, q̃ al Sol
eſta las ojas abriendo
y el ſiempre como el lotos
en noche, encogido y yerto.
Deſconoſcido del mundo

Quando me poſſeo vn hora
â mi miſmo me aborreſco
y agora que ando perdido
por me recobrar me pierdo
Tras el diſſeo me voy
que aun me queda mi deſſ
mas querer me hallar ſin m
es ſegundo de vaneo.
Al viento por mi pregunt
mas en vano en viento eſp
pues viento por viento hê
queda la eſperança en vi
Doy ſeñales de quien fuy

Como nube en quien pelean
exhalaciones contrarias
causa de truenos horrendos
rebienta en estas palabras.
Que viento turba la mar
de mi quietud sosegada
que velo obscuro me cubre
el claro cielo del alma?
Donde nascen las memorias
si en oluido reposaua?
si frias cenizas eran
dõde se encienden lasbrasas?
Ay dulce memoria mia
aũ que eres memoria amarga
ya te veo en mi desdicha
vn Phenix en mis entranbas.
Si supiera este milagro
quiça a grande no llegaras
como dentro en mi nascias
yo te quebrara las alas.
Vn niño tierno en la cuna
ayradas serpientes mata
pesien nascidas memorias
si apoderan de mi casa?

De que me quexo y lastimo
escusada era la traca
si dellas supiera entonces
ya no pudiera matallas.
Antes lo hiziera en mi daño
que son como la hydra braua
y si dos alas tenian
le nascerian dobladas.
Biuid memorias biuid
largos años, y horas largas
mas no me acorteis las mias
sanguexuelas de mi alma.
Solo vn consuelo me queda
gusanos de mis entrañas
que quando mi vida hilais
la vuestra tambien se acaba?
Soys como tristes Abejas
que experimentan su saña
y dexan la vida suya
quando con el pico agrauian.
Ya veo seca y marchita
la gloria y flor de mi cara
como se marchita y seca
el fresno q̃ la hyedra enlaza.

Si tal

Si tal haze vna memoria
que de muerta se leuanta
que hazañas harâ en mi daño
despues de tomar las armas?
No te Aflijas coraçon
que si d'ante muerta estaua
es tu sombra que te asombra
como de vna alma passada.

Romance. IIII.

A hũ pretendente em coimbra, perdendo hũa cadeyra.

Como cieruo aquien cayò
de su frente la alta gloria
busca con ligeiro curso
la mas solitaria sombra.
Tal despues q̃ te han negado
la merescida corona
com mucha razon te abscõdes
porque tu afrenta seabscõda.
Como pensatiuo, y solo
mides tu ventura corta
rebientas en estas quexas
que el justo dolor prouoca.
Puse por desdicha mia
Coĩbra en tus manos mi hõra
y manchastela de sangre
como de Ioseph la ropa.
Engañote la apparencia
del que robò la victoria
que en competẽcia de Moyses
los Magos milagros forman.
Parecido te hà serpiente
Por tal se ostenta, y pregona
hallarasle innutil vara
si le palpas y le tocas.
Blanco es el hueuo del Aspid
blanco y lleno de ponçoña
y los soberuios sepulcros
de cuerpos muertos se adornã
Siempre empeoras lo bueno
lo malo siempre mejoras
y con dañada ellection
escojes como la loba.
Eres la fuente de Epyro
que vna acha encẽdida aboga
y otra que và sin llamá
encendida en llammas torna.
Hurtaste la condicion
y naturaleza de otra

que echa

TAVOADA.
DOS SONETOS.

Agloria do edificio, o louuor alto fol. 60.
Aquella Aguia gentil de vista estranha. fol. 70.
Argos para outras cousas. Polyphemo. fol. 79.
Ado vas esperança mal regida fol. 84.
Aquelle que hè da bibora mordido. fol. 77.
Buscando ando ventura, & não dou nella. fol. 76.
Como despois de tanta idade de anno. fol. 83.
Dizey os que alcansastes, & perdestes. fol. 73.
Duuidão se a sculptura he maes perfeyta. fol. 69.
Da virtude que moue os Ceos depende. fol. 63.
Dijs placitum cæli quandam est in ora. fol. 66.
De hũa esperança vaà suspenso mouro. fol. 71.
Do brauo mar aonde as voltas ando. fol. 72.
Dayme razão Baptista que conclua. fol. 80.
De hũa grande Rainha do Oriente. fol. 81.
De fundo sobe do mar Indio a cima. fol. 81.
Dexas sin gloria ylumbre inclyto Alberto. fol. 85.
Espanta crecer tanto o Crocodilo. fol. 61.
En la noche el camino de horror lleno. fol. 65.
Enfim que me cortais o fio leue. fol. 73.
E clypsouse teu Sol quando nascia. fol. 77.
Eccos de minhas glorias que ficastes fol. 82.
Encubre de sus rayos la lux pura. fol. 83.
Fortuna ingrata porque me presegue fol. 72.
Fujo de mi quando me não preccato. fol. 75.
Famoso Alcides que nos hombros altos fol. 75.

Iaà tramon-

Jaá tramontado o Sol do aſſento puro. fol. 67.
Jaà que tão bom concelho vos enſaya. fol. 71.
Lanſado ao pee de hũ monte onde rebenta. fol. 64.
La nhũa eſtranha, & ſolitaria terra. fol. 65.
Menos ſente não ver quem cego naſce. fol. 78.
Na tenebroſa noyte o caminhante. fol. 60.
Neſte arduo laberintho onde me guio. fol. 61.
No rio Eufrate hũa erua ou flor ſe cria. fol. 63.
Nunca ſe vio tão duro coração. fol. 76.
N'hũ ſeco ramo nù de fruyto, & folha. fol. 79.
Paſtora mia, gloria de la vida. fol. 84.
Qual Hercules eſtrella jaà mudado. fol. 62.
Qual nunfragante miſero que cae. fol. 62.
Quaes no ſoberbo mar â nao que canſa. fol. 64.
Que nube de oro es eſta que hermoſea fol. 66.
Quem quiſer que ſeus ays ouento leue. fol 68.
Qual miſero Caliſto quando atenta. fol. 69.
Que mal he eſte meu tão differente. fol. 74.
Quando auezes â mi, por mi pergunto. fol. 74.
Quando as ceruleas ondas no mar alto. fol. 80.
Rico Almazom que Deos eſtima, & preza. fol. 70.
Sentindoſe de forſa, & vigor falta. fol. 68.
Seguro eſtado da cidade, & gente. fol. 78.
Triſte do que em triſteza paſſa o dia. fol. 67.
Tanto que ſente enfraquecer o alento. fol. 82.

TERCETOS.

Quando en medio del aſpero camino. fol. 85.

ECLOGA.

O' daquelle que naſce tributario. fol. 86.

EMBLEMAS.

TAVOADA.

EMBLEMAS.

A ſeu tempo. fol. 95
Antes que deſpois he tarde. fol. 96.
Al fin ſe canta la gloria. fol. 99.
Al vencido la victoria. fol. 99.
A ninguno. fol. 104.
Amor. fol. 106.
A alma aonde ama alli anima. fol. 108.
Amor. fol. 109.
Ambos bonança hum tormenta. fol. 105.
Como el Sol a las tenieblas. fol. 94.
Compite con la Natura. fol. 100.
Corona para la muerte. fol. 102.
Coſi viuo pracer conducc à morte. fol. 105.
Dela muſica enemigo. fol. 101.
En marmol no en la arrena. fol. 97.
El tiempo lo aperferiona. fol. 101.
Eſperança da outra vida. fol. 106.
Eſta al Sol yo à mi Dios. fol. 107.
Hypocrita. fol. 95.
Hei mihi quod nullis. fol. 107.
In hunc. fol. 102.
Ingenij largitor. fol. 104.
Latet anguij in herba. fol. 96.
La torpeza al torpe. fol. 98.
Ley ſem ley. fol. 104.
Mais por induſtria que forſa. fol. 94.
Mi prouecho de mi daño. fol. 97.
Meretricia procacitas. fol. 100.
Minha queda me leuanta. fol. 100
Melhor còs males. fol. 10
Mudou a ninho a Cegonha. fol. 1

M

TAVOADA.

Mas vn bueno, que mil malos. fol. 103.
Morte de Chriſto, & da morte. fol. 107.
Odioſo herdeyro. fol. 106.
Peccatum. fol. 101.
Penitencia impenitente. fol. 108.
Primeiro à todos que à nos. fol. 108.
Penitencia. fol. 109.
Quem me da vida me mata. fol. 97.
Quam pouco fica detanto. fol. 98.
Quem dilata mata. fol. 105.
Sempre verde em voſſo arrimo. fol. 93.
Sie vos non vobis. fol. 97.
Segura pobreza. fol. 105.
Tolluntur in altum. fol. 95.
Taes tempos, taes tentos. fol. 101.
Tè que de volta perfeyta. fol. 103.
Voy tras quien tener no puedo. fol. 102.
Vida de amantes. fol. 103.
Vn fuego con otro fuego. fol. 104.

ROMANCES:

Ageno de ſus plazeres. fol. 109.
Altempo que los del Fiphines. fol. 117.
Al peê de hũ Coruo peñaſco. fol. 119.
Al ſom de los leues remos. fol. 121.
Agoas puras del mondego. fol. 135.
Anda na mor calma o Mundo. fol. 136.
Como ſeruo a quem cayò. fol. 111.
Cançado & porluxu dia. fol. 115.
Cuberta de eſpeſa nuue. fol. 135.
De las ay mortas ſinizas. fol. 110.
Dulce pencamento. fol. 114.
De negro viſtida toda. fol. 133.
En las arrenoſas playas. fol. 120.

El Sol

TAVOADA.

El Sol yua diclinãdo. fol. 123.
Em vano dezea a liuio. fol. 125.
El codo sobre la rena. fol. 126.
Iunto a hum Rio o peè de hum freyxo. fol. 136.
Iunto a hum Rio de seus olhos. fol. 137.
Los ojos los tristes ojos. fol. 117.
Mi esperança, & mi vintura. fol. 110.
Orilhas del craro Rio. fol. 113.
Por mis entranhas abris. fol. 112.
Por a largar la cadena. fol. 112.
Que a veé me robou tan fera. fol. 114.
Rompe mi lengua el silencio. fol. 114.
Remedio sempre de tristes. fol. 127.
Tardas pensamiento tardas. fol. 114.

GLOSSAS.

A Ado la ventura fol. 118.
A do estàs que no te veo. fol. 121.
Ay sombra alegre ay noche venturosa. fol. 130.
C Cansado y proluxo dia. fol. 115.
Conuertida em duro marmol. fol. 116.
Conuertida en duro marmol. fol. 116.
Cabrillas buscad pastor. fol. 128.
D Dizidme lagrimas mias. fol. 119.
Do me sube mi esperança. fol. 123.
Descuidos que me quereis. fol. 132.
E En la peña, sobre la peña. fol. 118.
L Las tristes lagrimas mias. fol. 124.
Lexos vá mi pensamento. fol. 126.
M Mi querido amor nascio. fol. 126
N No me voi, que con vos quedo. fol. 122.
Ni mas alto pensamiento. fol. 13
Não vejo o meu bem presente. fol. 1

Outro

O.

Outro fuy, otro me v. fol. 117.
O larga esperança vana. fol. 127.
Olhos que não vem. fol. 132.

P.

Prendiome el amor prendiome. fol. 122.

Q.

Que todo en fin es morir. fol. 125.
Ques de la fee que me diste. fol. 128.
Que hazeis cabrillas aqui. fol. 128.
Que son noche del alma los cuidados fol. 131.
Quem me quizer nouas dar. fol. 131.
Quem daa vida, como mata? fol. 132.

R.

Recuerda pastor. fol. 124.

S.

Sacaronme los pezares. fol. 119.
Soñaua madre que via. fol. 120.
Sin cuidados nasci yo. fol. 120.
Si el sos piro dà pasion. fol. 123.

T.

Todo me cansa y dá pena. fol. 124.
Tal estoi que os he dexado. fol. 129.

V

Vin con migo y sin mi voi. fol. 121.
Vna red a vna aue armè. fol. 129.

FIN.

INSTITUTO DE HISTÓRIA DA EXPANSÃO E DO COLONIALISMO
Faculdade de Letras - Coimbra

CF
B
2
7